JOSE PIZA

José Lira

Do Pedrinho tomo a liberdade
de que offertar-lhe este livro
pelo dia 5 de JOSÉ PIZA hoje o que
Emilio

24/10/900

CONTOS DA ROÇA

PRECEDIDOS DE UMA CARTA LITERARIA

DE

GOMES CARDIM

ILLUSTRAÇÕES

DE

BENEDICTO DE MATTOS

EDITORES
Andrade, Mello & Comp.
Rua do Carmo, 1
S. PAULO

MCM

V
B869.3
P695
C

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL
Este volume acha-se registrado
sob número 424
do ano de 1974

A mon Père

Meu velho Cardim

Tu que tens sido sempre meu compadre nas letras, lê esses contos caipiras e externa leal e francamente tua opinião sobre o seu valor.

Bem sabes que não pretendo a immortalidade com elles, mas desejo-te a meu lado, apresentando ao leitor esta arranca.

Teu excorde

JOSÉ PIZA

S. Paulo—1900.

Carta literaria

Uma Encalistração

UMA ENCALISTRAÇÃO

Nós vinhamos em grande comitiva da fazenda de meu avô, o coronel Eleuterio Bicudo para, na villa proxima, tomarmos o trem que nos devia levar á cidade onde residiamos.

Como havia senhoras na comitiva, umas em trolys, outras, mais corajosas, a cavallo, a viagem ia morosa, e apesar de termos sahido logo após o almoço da casa de meu avô, eram tres horas da tarde, e apenas enxergavamos ao longe a porteira do pasto grande da fazenda do meu tio Joaquim Bicudo, caminho da villa e uma legua distante della.

* * *

Esplendido homem — esse meu tio Joaquim Bicudo. Muito prasenteiro, muito lhano, muito chão, era em sua casa de uma amabilidade excessiva, que até chegava a causar incommodo. Paulista em extremo.

Bom fazendeiro, mas, acima de bom fazendeiro, optimo caçador de veados.

Tambem, a sua *perrada* era citada, dez legoas em redor, como extraordinaria, sendo destacados dentre ella o *Melampo* e a *Joia* — uns primores para levantar *virós e malteiros*.

E os cães tinham toda a liberdade em casa do meu tio. Ao almoço e ao jantar rodeavam a mesa, á espera que alguem lhes atirasse um osso.

Não andavam, no emtanto, de barriga vasia, nem tambem viviam á fárta, porque se engordassem perderiam o valor para caçar.

Tia Tudinha, digna esposa do meu tio, não morria de amores pela cachorrada; achava até que não era *próprio a catchorrada* fá na varanda na hora de *comida*, *indo* mais tendo *agente* de fóra: mas como era essa a unica mania do meu tio, que a estimava muito, nunca lhe dissera nada... e viviam na doce paz do Senhor.

***

Consultei meu pae si portavamos na fazenda.

— Sim. Vamos despedir-nos de vossos tios e lá jantamos.

Esta ordem agradou-me sobremaneira. Eu já estava com uma fome bem regular, e na fazenda de meu tio costumavam, em honra ao meu progenitor, dar uns esplendidos jantares obrigados ao seguinte menu:

Feijão,
Farinha de milho,
Couve em fios,
Frango assado,
Idem ensopado e
Leitão assado, com rodelas de limão atravessadas por palitos.

Era, além disso, certa a sobremesa que se segue: leite, canjica, melado e arroz doce.

Imaginem, pois, os leitores, como eu devia estar ancioso pelo jantar do meu tio Joaquim Bicudo.

***

A recepção foi-nos feita na varanda da frente da casa pela familia toda, inclusive algans moleques muito retintos, que de camisola de algodão, olhavam-nos boquiabertos, não acostumados a vêr tanta gente branca reunida.

Meu tio Joaquim Bicudo segurou no estribo do selim para que meu pae se apeasse com mais facilidade. Depois de todos apeados estendeu o braço em direcção ás casas das que conduziam á varanda e disse-nos:

—Entremos. . Não se assustem com os cachorros, que são mansos..

* * *

Quando entrámos no alpendre, notei, sentado num canapé ao canto, um caboclo, de palha atraz da orelha, de fumo e faca em punho, a fazer um cigarro.

Era certamente um pretexto que havia procurado afim de não levantar a cabeça para cumprimentar ao povaréo que entrava.

Do alpendre passámos para a sala de jantar por um corredor muito largo, e ali, emquanto alguns se sentavam nas redes que cortavam diagonalmente as duas extremidades da sala, as moças entravam para um quarto afim de tirarem os saões, e compozerem a *toilette* para o proximo jantar.

Eu, no emtanto, voltei para o alpendre e alli prosa com o caipira.

Chamava-se Anastacio, e tinha vindo ajustar-se como camarada de meu tio, para a colheita de café.

Como as casas de colonos e senzálas, estivessem todas occupadas — tio Joaquim

Bicudo arranchara-o no alpendre, á espera de dar-lhe uma arrumação, emquanto elle ia buscar a *muié e cinco famia*, que tinha na villa do Espirito Santo, dahi a seis *léua*.

Meia hora, ou mesmo uma hora se havia escoado, eu na prosa com o *nhô* Anastacio, quando meu tio Bicudo entrou no alpendre com a alegre nova.

— Vamos jantar, vamos comer uns feijões, disse dirigindo-se a mim e ao caipira.

A mim não foi necessario segundo chamado; em dous pulos estava na sala de jantar.

Nhô Anastacio entrou pouco depois, muito acanhado, e emquanto se iam assentando os demais, elle coñava o cavanhaque tradicional, muito preto, muito ralo e de fios muito grossos.

Sentou-se á cabeceira da mesa e foi o primeiro servido com um pratarraz que tinha de tudo, uma mistura costumeira no interior de S. Paulo.

Faltava-lhe sómente a farinha e nisto consistia o caiporismo do *nhô* Anastacio.

Comer sem farinha de milho, seria um crime de lesa-gosto para elle.

Olhou para os companheiros mais proximos a vêr si alguem lhe adivinhava o pensamento, até que, tomando coragem, resolveu-se a levantar-se e, esticando o braço musculoso, apanhar a cuia vermelha da farinha.

Até ahi foi tudo bem; mas como se achava distante da mesa e sentado muito na extremidade da cadeira, quando voltava com a farinha pensou que lhe haviam tirado a cadeira.

O desfecho foi immediato. Abandonou a cuia da farinha, e, pegando com as duas mãos a toalha da mesa para não cahir, trouxe-a comsigo—o necessario para que seu prato repleto de comida fosse ao chão, onde ficou em pedaços.

A cachorrada de meu tio Biendo não se fez esperar. Amontoou-se nas pernas do Anastacio, e por mais que elle gritasse:—Sahe *diesbo*!... Sahe... tinhoso! os verdeiros de meu tio só abandonaram o local quando já não se via no chão nem vestigio de comida.

Nhô Anastacio não mostrou perder a flenguma. Depois que os cães o deixaram,

elle abaixou-se, apanhou do chão os pedaços do prato e collocou-os na ponta da mesa.

Meu tio Joaquim, amavel sempre, aproveitou o ensejo e disse, offerecendo-lhe um novo prato:

— Não se incommode, *sió* Anastacio, isto succede... Tem aqui outro prato... sirva-se.

O caipira voltou-se muito commovido e respondeu-lhe num tom por demais comico:

— *Nhor* não, *uhô Quim*... *Fo satisfeito!*..

O Muchirão

O MUCHIRÃO

A camaradagem toda do sitio do capitão Malaquias tinha resolvido fazer um muchirão para o Maneco Gregorio.

Coitado! Estava com perto de tres alqueires plantados de milho, e, para colher, só elle, a mulher e o filho mais moço, porque o Tonico e o Vadô estavam convalescendo de maleitas, e tão fracos, que não podiam com uma vara de dourado pela mão, quanto mais entrar naquelle serviço pesado como seiscentos.

Foi o Chico do Nhâla quem teve a idéa.

— Prá que Vancê não reune a moçada prá derrubá o mio? inquiriu elle do Maneco. Vancê tá com mais de doze capado no

chiquêro. Ranja um barrí da bôa e um terneiro taludoto, que eu cumberso cô povo.

— A quistã não é só essa, respondeu o Maneco. E lugá pra ponhá o mio?

O paió dá no mais que pra doze carro e não tein lugá pro resto.

Mas não achou mal cabida a idéa do rapaz. Fazia um rancho coberto de sapé e com paredes de guaratans a pique, com espaço sufficiente para o que não coubesse no paiol.

O Chico de Nhála saiu no firme proposito de convidar a rapaziada.

Era um domingo de serviço, na verdade, mas a patuscada á noite, o fandango, é que era a sua compensação.

Queria beber um requentão e botar uns versos para a Ritinha, e queria que ella respondesse para que o Juca Soares não continuasse a impostuzar que era delle só que a caboclinha gostava.

Naquella noite é que tiraria a prova dos amores da Ritinha: Si ella confirmaria o que havia dito uma tarde ao rapaz, no moujólo, quando elle voltava do serviço.

* * *

Dia quente e abafadiço amanheceu o domingo do muchirão.

Os passarinhos chilreavam nas arvores,

assobiando musicas diversas que ainda nenhum cantor gorgeou.

Os tico-ticos, já de ha muito, andavam ciscando perto das casas dos camaradas, e os anuns, em bando passavam voando, indo sentar além, levantando as caudas: as terivas e os araguaris, em um chilrear incommodo, estavam no cafezal debicando as fructas já maduras, emquanto os tucanos, no matto, rente da cerca, faziam o seu gyro de arvore em arvore, a roncar tempestade.

Acolá, no pasto grande—dezenas de corcos voejavam muito alto, sinistramente, farejando carniça.

O folhedo não se mexia. Nem uma aragem. O orvalho mesmo já se tinha evaporisado e subido para augmentar a chuva que ameaçava.

Na baixada da estrada, onde o capitão fez o açude, perto do monjólo, já vinha o Benedicto trazendo as vaccas para a mangueira e ouvia-se a voz esganiçada do moleque a gritar:

— Ela Barroza! Anda, Marqueza!

Nessa hora partiam os camaradas para o muchirão.

Iam alegres, cantarolando cantigas conhecidas e de mãos limpas, que para o serviço de quebrar milho não precisavam de instrumento algum.

O Chico gracejava para o Juca Soares.

— Quero vê se ocê paga no trabáio hoje o que comê e o que bebê.

— Querem vê qu'esse corpinho de serelépe qué sê mais duro que eu ?

— Não só criado, mas hai muitos que não miscóram, continuava o Chico.

— Sô si fô na viola, redarguiu o Juca. Mais fique sabendo bão cantô, máo trabaiadô.

— Inveja matô Cain.

— Ora não seje prosa, e vá borrecê os porco no chiquêro, disse o Juca parando. á espera do Maneco Gregorio, que vinha pouco atraz.

— O moço parêce que embrabeceu, disse o Chico a alguem. Eu inda tivo a farófa delle.

Na roça, a rapazíada pegou direito no serviço. Bandeiras e bandeiras de espigas, aqui e acolá.

Havia um vozear alegre de gente moça, e a colheita estava rendendo, conforme previra o Maneco Gregorio.

Trabalhavam conversando, cantando alegremente, como se o trabalho fosse uma diversão.

BIBLIOTE
SENADO FEDERAL

Meu caro Zezé.

Respondendo a cartinha amavel que hontem me endereçaste, acompanhada de uma collecção de teus contos em provas typographicas, começo por extranhar que fosse eu o preferido para lhuinar de teu livro. Estou em crêr que se a ousada idéa de honraria tal se me apresentasse ao espirito em momento de insana pretensão, de máu agouro seria dizeres-me como Champfleury—Ecres, tais-toi! tu n'est pas orateur.

E pedes-me a impressão franca e leal da minha leitura. Desnecessaria precaução a desse aviso, que uma vez obrigado a fazel-o pela ordem que me vem da expressão de teu desejo, empecer-me não póde a pendola com que escrevo, a ndaração de fetiche que sabes dedicar-te o amigo a quem incumbes da honrosa tarefa de levar, como *apresentadeira*, o teu livrinho á pia baptismal da consagração publica.

Não me estorvam precalços a que o companheirismo obriga, para não contribuir com justificativa a este asserto de Shakespeare: — Ha de o tempo descobrir o que hoje encobre a discreta hypocrisia».

Fraco de engenho e retirante das letras, como externar-te a minha opinião que algo de valor apresente em explicativa da tua escolha?

Os meus pulmões de plebeu são demasiado fracos para supportar a forte pressão das atmospheras altas. Todavia, parapharseando Walter Scott, pensarei que—o titulo de amigo faz-me considerar a incumbencia como precioso dever merecedor de toda a minha solicitude.

Compensarei com lealdade o que me escaceia no conceito, já que de somenos julgo a fórma, desde que disse Julio Cezar Machado: — O estylo é o passaporte litterario dos escriptores sem ideia».

De uma assentada li todos os teus contos.

Ao terminar, o olhar fixo no espaço, albeiado á noção das cousas que me rodeiam e do logar onde estou, quédo me nessa abstracção em que o espirito, sacudindo o jugo que o opprime, segue, espaço em fóra, a livre direcção de sua aforrada phantasia. Quem não ha passado por milhares desses deliciosos instantes? Se nos fôra dado stereotypar o pensamento em taes occasiões, se os assombros da electricidade nos houvessem doado com um apparelho de gravar a idéa quando ella, assim sem peias nem estorvos, se espraia pelas regiões do infinito, que de bellezas de concepção, não seriam apanhadas nesse flagrante de

liberdade intellectual! Mas no apercebermo-nos d'ellas, no primeiro movimento instinctivo para segural-as, ellas de revoada a perderem-se no afumado longinquo de um horizonte sem lux.

Que fazer agora senão, por esforço de concentração, esmerilhar nos escaninhos da cançada memoria, algum *cliché* onde casualmente ficassem estampadas as brandas *silhouettes* dos meus pensamentos fugitivos?

Occorreram-me as palavras de J. J. Rousseau:—Mettia-me por algum recanto da floresta, algum logar deserto, onde nada me indicasse a mão do homem a denunciar-me a servidão e o dominio, asylo onde pensasse ter sido o primeiro a entrar, onde ninguem se interpuzesse entre mim e a felicidade». E vejo-me em plano coração de matta virgem, enfrentando os seculares gigantes que, lá muito em cima, se entrelaçam as franças pintalgadas de parasytas multicôres, de onde se dependuram os grossos e negros cipós encadeiando-se em um emmaranhado indestructivel, atravez o qual o sol a custo penetra uma claridade esmorecida. Lá do alto espreita um pedaço de céo azul. Aqui um estalido de galho que despenha, para além um rumor sordo de cascata occulta. Por toda a parte o silencio murmurozo dos sons vagos e indistinctos, a solidão amedrontadora onde a natureza habita. Então, ao envez de amenidades pastoris e ondeamentos bucolicos, aquella possante vegetação, em seu colorido energico de opala carregado, suggere-me, na contemplação de sua imponente magestade, e no deslumbramento de sua grandeza secular, a visão das luctas titanicas de nossos

antepassados. E ante mim se eleva, em todo o fulgor de sua suprema belleza, a imagem da Patria.

Eis a primeira suggestão de teus contos em meu espirito.

De facto, quando outros meritos lhe não viessem exaltecer o valor, por sem duvida que um bastava para o bom acolhimento de teu livro a patriotica significação que encerra.

Tres aspectos delles resaltam: a descripção de nossas paizagens, o typo do nosso caipira, seus costumes e linguagem. Que sob o primeiro ponto de vista, algo fique a desejar, deixando tu para ao depois a contemplação dessas montanhas colossaes que se recortam no cariz do céo em perfil caprichoso, rasgando véos de neblina para beijar o azul das alturas, emquanto as caricias de um sol creador, desenvolvem fructificante seiva pela carapinha dos cafezaes.

Que digas de teus contos o que A. Herculano escreveu de suas *Lendas e Narrativas*: «A singeleza de invenção, a pouca firmeza nos contornos de alguns caracteres, o menos bem travado do dialogo, revelam a mão do inexperiente». Como elle tambem poderás concluir embora, são o marco humilde e tosco que nesta especie de litteratura indique o ponto de onde se partiu.» — E na linguagem de teus caipiras que encontro o filão a seguir nesta minha ligeira apreciação. Haja muito embora quem de nonada tal ponto accoime, tenho para mim que de alcance patriotico é elle.

Pelos ensinamentos de Adolpho Coelho, sabemos que apesar de seculos de acurado

estudo e investigações constantes, ainda hoje se discute a origem celtica do portuguez e sua formação.

E o portuguez já vem escripto desde o seculo XII. Quantas vezes o que nos parece um desacerto grammatical, é apenas um archaismo da lingua. E' na linguagem popular que se devem assentar as balisas para estudo do desenvolvimento historico de uma lingua. A. Hercalano sustenta que na antiga Roma e na Italia, após a extineção do dominio romano, houve duas fórmas da lingua latina — uma falada pelas classes superiores e usada como linguagem official e litteraria, e outra universalmente falada pelas classes inferiores, a qual se tornou a lingua geral da Italia. Esta fórma era denominada quotidiana (por Suetonio), rustica (por Augusto Gellio), e, ainda, pedestre e vulgar. D'ahi, que nas especulações modernas da glottica é de accentuada importancia o conhecimento da linguagem popular em suas variantes e fórmas exoticas, conforme o demonstra Schlegel. Em vista da inconstancia dos pretendidos caracteristicos da raça, diz Schlegel, só a linguagem póde ser considerada como um seguro caracteristico. Um allemão póde disputar pelo prognathismo, com a mais pronunciada cabeça de negro, mas nunca falará bem uma lingua de negro.

Toda a mais alta actividade do homem está estrictamente unida á linguagem, do modo que na linguagem se acha o meio de sua devida apreciação.

Os animaes podem ser classificados por sua apparencia morphologica; para classificação do homem, porém, carecemos de um

criterio mais elevado, exclusivo ao homem; esse criterio só na linguagem o encontramos. Accrescendo ainda que, pelos diversos gráos de linguagem, podemos conhecer os diversos gráos de desenvolvimento do homem.

Se a linguagem se transforma pelo archaismo e pelo neologismo, são, todavia, as alterações phonicas as que atacam a linguagem mais intimamente em seu organismo, o que habitualmente se observa na linguagem *local*. Tal nos ensina aquelle douto.

Ora, meu amigo, é o que, além do mais, ten livro nos dá: o inicio de um genero de literatura que tem a alta importancia de um documento que nos será util, porque—é na ethnologia das narrativas sertanejas que se encontrará o caracter nacional.

Diz T. Braga que Cujacio descobrira o verdadeiro espirito do Direito Romano nos satyricos e poetas comicos de Roma. Apresentar o typo do homem que, em época determinada, sob a pressão das leis fataes da natureza, constitue uma individualidade, fazendo sentir a consciencia de si proprio, eis o que servirá de marco miliario na derrota dos futuros historiadores patrios.

Prescreve ainda este mesmo publicista: A tradição é o vinculo moral da nacionalidade dos povos! E' ella o ponto em volta do qual se desenvolve uma literatura. Ella, sob tal ponto de vista, não se molda por typos convencionaes de classicismo, é objecto de uma sciencia experimental para a qual não bastam as syntheses de gabinete. A historia literaria assenta sobre as conce-

pções artisticas em que a ideia de nacionalidade transparece em uma fórma consciente.

Eis aqui, caro amigo, explicado o motivo da impressão que me deixou teu livro.

Com T. Braga podemos dizer que quando um dia se estudar a historia literaria do Brasil, não irão aos monumentos produzidos pelas intelligencias que melhor hajam consubstanciado em fórmas literarias as suas impressões do bello, segundo os preceitos da arte; investigarão atravez dos tempos, quaes as manifestações conscientes de nossa nacionalidade em relação com o desenvolvimento vital de nossa raça, sob a influencia do movimento progressista. Firmar a tradição é vincular a raça; e para que esta se desenvolva, é necessario manter a nacionalidade: do contrario não ha fugir á absorpção do nativo pelo elemento estrangeiro que a immigração civilisada vae internando pelas nossas mattas.

Diz M. A. Vaz de Carvalho: Dostoievsky é o mais slavo de todos os russos, o mais popular de todos os romancistas porque é aquelle que melhor traduz a alma da sua raça. E nós temos urgente necessidade de escriptores que vinculem as nossas tradições com o estudo dos costumes, linguagem e typo de nossos nativos, não para que se opponha dique absurdo e inutil á corrente formadora de uma nacionalidade que surge, mas para que não soçobrarjam na eterna noite do nada, os traços caracteristicos da nossa individualidade, que, como sombra nossa que é, á proporção que augmenta de intensidade o fóco civilisador que nos illumina, lentamente se vae apagando.

Já o notou Olavo Bilac: O progresso que rasga montanhas e galga abysmos, não cuida dos vestigios de gerações mortas que a sua passagem apaga. As ruas das cidades rolam uma população heterogenea em cujo sussurro de mar agitado, se reconhecem todas as linguas, como no vozear afanoso dos operarios de Babel.

Eis-te, sagitario, na liça, aposto e galhardo; continúa aguisadamente que já se fazia preciso o genero com que te abroquelas a terçar armas na legião dos nossos plumitivos.

Lucta pela ideia, sem treguas nem descanço; e, quando ouvires o remurmurar desse transvazamento da requintada civilisação européa que, numa innundação destruidora e fecundante, nos vae derrocando typo, linguagem e costumes, toma do escafandro e mergulha no remoinhar da voragem em busca do que de nacional á tona da vasa se te depare ou por algares for deixado em tempo de patriotica salvação.

Não te deixes arrastar pelo dilettantismo tão bem systematisado por Bourget.— O pendor á diversidade de assumptos que, de ha tempos a esta parte manifestas, dar-te-á a satisfação da variedade, mas com sacrificio da firmeza, que só advem da constancia. *Conteur* ou romancista entra sempre pelo portico sobranceiro do teu temperamento de artista, no seio encantador da nossa imponente natureza.

O homem e a mulher, unidos pela costella de um e separados pela contingencia de ambos, aliados quando o amor os une e adversarios quando a convenção os liga, for-

nesses no desenvolvimento infinito de suas paixões, o assumpto ás diversas fórmas de criação literaria; thema inexgottavel essa collisão de almas que se encontram; thesse antiga e sempre nova, quer quando os sentimentos se harmonisam, quer quando as paixões se chocam.

E para logo se apresenta o ciume, esse procreador em causa propria do egoismo.

Quer estudando o amor — balada enganadora dos nossos sonhos primaveris, phantasiosa chimera engendrada pela selecção egoistica de um ente em cujo olhar julgamos vêr era miragem enganadora a eterna felicidade; quer o odio, a saliva de Satanaz cuspida num coração humano;—pois que, segundo Pascal: — *Qui fait l'ange, fait la bête*; delicando-te á psychologia, como Paulo Bourget ou como Zola,—colhendo os teus labores em canteiros edorescentes ou, no dizer de C. Castello Branco, exhibindo um anphitheatro de gangrenas da alma e da carne—em qualquer dos casos, tem presente a opinião de Tourgueneff: *L'ame d'un livre est sa forme obscure* — e não te esqueçam estes versos de Goethe:

Vós todos conheceis a força occulta
Da natureza em sua eterna acção.

Eu, continúo a fazer votos por que te não olvides do que vae de ensinamento nestas palavras de Thomaz Ribeiro: Chamo de ingresia a minha phantasia porque olha nada por si e tudo pela natureza, porque se compraz em vêr penco as bodernas magnifi-

concias dos homens, para se extasiar deante das veilharias de Deus).

Qualidades de escriptor é o que te não falta; disposições de vibratilidade de sensação, tens a visão das cousas e sabes transmittir.

Se de critico fôr agora o meu intento, seguindo o conselho de Ramalho Ortigão quando preceitúa: «A funcção da critica é interpretativa; ella não dirige cousa nenhuma, explica apenas; e para o conseguir deve embeber-se da emoção que a obra d'arte suggere, e fazel-a vêr através da sensibilidade de uma alma que a entende»—ou com a noção pittoresca de Anatole France:—A critica não é mais que as aventuras de espirito de cada critico através dos livros que lê»—se outra não fôra a minha incumbencia, formularia:

—Não ha neste livro ductilidade de estylo? Ha imperfeição de processo? Não nos dá complicações de casos pathologicos? Faz-se notar algo de desalinho que accusa carencia de buril? As suas paizagens não têm accentuado relevo? Que importa, se figuras e scenarios são muito nossos: se nas suas paginas não ha recaibo de literatura importada; se nellas se revela um observador de talento perfectivel e se deixam transparecer a alma primitiva e rude de um povo que é nosso, no relevo de typos, com seus costumes e linguagem, nossos, sómente nossos!

Na escolha dos assumptos destes contos, intencionalmente simples e extrahidos da vida commum na roça, vibra um naturalismo que promette. Não ha escabichar no episodio escandaloso ou na excitação apuro-

disinea de um erotismo irritante, para forçar o interesse, como nos lupanares as velhas sacerdotisas do amor quando procuram reanimar desmoronadas ruinas de sensualismo. Alli corre o entrecho, quando o ha, sem esforço e mansamente, como o crystalino veio d'agua, onde o viajor lasso, por um momento, vae refrigerar a pyrexia do organismo sedento, e continúa estrada em fóra, abençoando a previdencia atalaiante e fertil da Natureza.

Praza aos de merito que por essas ruas gandaiam, seguir-te o proveitoso exemplo; é o que será para desejar.

Eis ahi, meu bom Zézé, despretenciosamente, como sóe acontecer a quem, á mingua de artezões que lhe decorem o estylo e por balda tentativa de provar o falso engenho, acoita a sua fraqueza na rectidão do animo e pureza de intenção. Se me vi forçado a ir, como beguino, aos mestres implorar o que te devêra dizer, o que da perigrinação me queden, assaz me compensa: pódes crêl-o.

E se, na honra que a tua confiante generosidade houve por bem conceder-me, vires que me não soube guindar á correspondente altura, perdôa a quem desejou, como Walter Scott, que o bom acolhimento tornasse desculpavel o máu passadio.

Terminando, só tenho a dizer-te, com Horacio:

—Possue-te de justo orgulho e corôem os louros de Apollo tua cabeça.

Acceita as excusas e os sinceros parabens do teu

GOMES CARDIM.

Festa de São João

De quando em vez, a Ritinha e a Bézinha, irmã do Juca, corriam o *quentão* pelos camaradas que bebiam de um golpe, dando estalos com a lingua e retomando com mais ardor o serviço interrompido.

Os porcos e os quatis haviam estragado bastante a roça, mas comtudo o milho era muito, para mais de trinta carros.

E o Maneco fazia calculos: Com aquelle milho, capava mais alguns leitões e ia engordal-os.

— O mio tá barato, mais o toicinho tá caro, dizia elle.

E, contente, animava a moçada que trabalhava com enthusiasmo, como se a paga daquillo não fosse outra cousa que o café com pinga distribuido em quantidade, o almoço e jantar de boi assado, e, á noite, o rachapé em que, depois de um serviço rude de dia inteiro, o rapazio de sapatão branco e roupa de vêr a Deus entrava lépido e

folgazão de viola em punho, a sapatear e bater palmas; tudo isto como si fossem ensaiados e como se outra cousa não tivessem feito em toda sua vida.

E quanta modinha sentimental, quanta poesia, quanta verdade não sahia então daquelles peitos rudes!

Realmente a colheita vendera.

***

Ao escurecer, os camaradas voltaram da roça sem conseguirem quebrar o milho todo.

Tambem o resto que fosse colhido pelo dono. Os homens fizeram muito.

O jantar foi servido em frente da casa do Manoco Gregorio. Collocaram as folhas das portas sobre caixões, e em pé mesmo o povo se serviu.

O homem tinha reservado a boa comida para ultima refeição. Grandes pedaços de carne assados pela Tudinha, dous leitões do forno com rodellas de limão espetadas por palitos de guaratan, cinco ou seis frangos e pinga a fartar.

Era preciso juntar a isto um porco do matto que o Juca Soares matou quando no muchirão.

Um banquete!

Aquillo tudo foi devorado sem ceremonias nem convites; melhor comia quem melhor se servia.

Até o Tonico e o Vadô entraram no regabofe, como se não estivessem convalescentes da maleita e surdos da quinina.

Já era noite. Um pouco além, no terreiro mesmo onde serviam o jantar, duas enormes caieras de grossos paus começavam a crepitar.

As labaredas, lambendo com suas linguas de fogo, surgiam, e um clarão avermelhado illuminou o fim da refeição.

As moças, já garridamente vestidas, cochichavam alegres á espera do fandango, e os camaradas, que a pinga tornára alegres, estavam promptos, á disposição de quem assumisse a chefia.

Foi o Chico de Nhála quem lembrou:

— Hóme. Vô dá um pulo in casa e buscá o pinho. E quem fô gente que si aperpare.

Voltaram dahi a pouco mudados todos, com suas roupas limpas de algodão riscado, lenço de chita ao pescoço, e calçados quasi todos, que para o sapateado era preciso.

E ali, rente das caieras começou o fandango.

Da casa do capitão Malaquias, a familia, nas janellas da varanda, ouvia a voz do Juca

Soares, lenta, triste como o piar, á tarde, de um macaco, cantando ao som da viola:

Hai fia moça na terra
Que o meu coração robé,
Sé quem nóba fica preso,
Que dirá quem reba amé.

A Ritinha entendeu que aquillo era com ella e respondeu:

Responda mecê depressa,
Não teije com indiscreta,
Diga o nome dessa moça
Si a coisa não é secreta.

E o Juca:

Eu não posso falá ácto
O nome de meu amé,
Pregunte p'em passarinha
Pregunte pra cada fé.

E estribilhava:

Neste muito
Tem um passarinho
Passarinha
Chamado andorinha,
Andorinha
Avoó, foi sombra,
Deixó os óvo
Chocando na ninha.

* * *

O Chico da Nhala já não podia mais.

Sapateou com enthusiasmo exaggerado, ferido pelo ciume; depois sahio no meio da

roda quebrando o corpo cadenciadamente e espalmou as mãos sobre as cordas da viola. Ia cantar:

> Já vi um bel lô papá,
> Vi cavallo fatadé,
> Mais inda não vi na vida
> Um barro namorado.

Rebentaram gargalhadas, e todos olharam para o Juca Soares, que empallidecera.

Nesse momento a chuva que se preparara o dia todo, começava a cahir; grossos pingos tamborinavam nas folhas de zinco que cobriam o paiol perto. O povo todo refugiou-se na casa do Maneco Gregorio.

O Juca Soares passou rente do Chico e segredou-lhe:

— Si tú é hôme, mespére no monjólo do açude... E esgueirou-se em direcção ao tanque.

Ainda ficou algum tempo o Chico a cantar e dançar até que resolveu ir liquidar com o Juca aquella questão de ciumes.

Falou primeiro com a Ritinha, e, na convicção firme de que era o unico amado, correu célere para o monjólo. Ia acariciando nervosamente o cabo da faca.

O Juca já lá estava.

— O cabocro desgraciado! regougou o rapaz: mal vira o Chico,— tu vai pedi per-

dão da desfeita qui me feis. E avançou de faca em punho.

— Não seja prosa, respondeu o Chico. Vô te marcá na cara có esta campinêra.

E a luz sinistra dos relampagos illuminava de vez em quando aquelle duello de morte.

A chuva, já então, caia desabridamente, a jorros, fazendo enxurradas de sangue da terra vermelha.

De repente faltou o terreno ao Chico, e sentiu uma como que frieza entrar-lhe pelo peito a dentro, emquanto o corpo do Juca caia sobre o delle e retirava para tornar a enterrar a faca já homicida.

O Chico não dera um grito. Fôra certeira ao coração a primeira que o Juca lhe atirara.

*
* *

Cessara a batéga d'agua. Chuviscava. O Juca Soares, enlameado, sujo e coberto de sangue do seu rival, correu pelo açude acima, pulou a cerca e embrenhou-se pelo matto a dentro.

De repente, com o coração angustiado, lançou por entre a folhagem o olhar para a casa illuminada do Maneco Gregorio...

Continuava a festança lá em cima, e a voz da Ritinha fazia se ouvir, clara, argentina, em um novo desafio com o Florencio:

Tenho um bem que mi quer bem,
Um bem que mi dá dinheiro,
Um bem que mi dá passada;
Esse é o meu bem verdadeiro.

O Carreiro

O CARREIRO

A Valdomiro Silveira

O bello carro de cabreiva do João Mingote vinha cantando por ali á fóra.

A areia do chapadão esfarinhava-se sobre o sulco que a ferragem dos dous rodeiros riscava ao longo da estrada.

O sol abrazador de Dezembro fazia cair da cara do carreiro, sentado, como se fôra uma mulher a cavallo, entre o cabeçario e a meza do carro, grossas e gordurosas bagas de suor, e elle, de guiada em punho, excitava a junta de conce e animava a de guia:

—Encosta, Barroso! Carrega, Dourado!

Da charrasceira de pau de embira saliam guinchos atordoantes que logo se annulavam em sons graves, dando, a quem de longe ouvisse, a idéia de uma araponga que de repente enrouquecesse, e continuasse depois estridulamente a cantar, lá na matta virgem no alto da perobeira.

No capoeirão do lado as cigarras occultas no folhedo das arvores, á beira da estrada, pontuam sentinellas que acompanhavam o rolar somnolento do carro carregado com cento e vinte arrobas de café, repetindo aqui, ali, acolá o mesmo estribillo monotono, o mesmo prognostico certeiro da chuva que ameaçava.

E o João Mingote, indifferente áquella scena constante, áquelle trajecto de sempre que baldeava carga até a estação proxima, só se incommodava com os seus bois, accorçoando-os:

— Eh! Pintassilva! Puxa, Capitão!

E gritava para o menino que na frente levava a junta de guia:

— Pedrinho! Largue da chifradêra e veja alli esse arroxo qui tá arrastano. Dê ûas pár de vórta no fuêro.

O menino cumpria as ordens do tio e approximou-se delle, dizendo:

— Não pérte a boiada. O escão trazêvo que vancê ponhô não zesésto nha subida e voltando para o seu posto aperton mais a broxa dos canzis da canga do Barroso.

E o carro do João Mingote continuou cantando por ali á fóra, até que chegou na porta da estação.

— U a! Fasta, diabo? E o carro paron.

* * *

Enquanto o Pedrinho ficou vigiando os bois e o pessoal da estação descarregava as sacas de café, o João Mingote deu um pulo até á casa do Zé Pompeu.

No caminho, só ia pensando na conversa que ia ter com o pae da Chiquinha Pompeu. De ha muito que esta era o seu feitiço, o seu enlevo e que havia consentido nesta conversa que elle, suado pelo sol de Dezembro, cançado pelas duas horas de viagem ia ter agora com o velho empreiteiro.

— Boas tarde!

— Cumo está, nhô João?

— Bemecê.

— Vae-se vivendo cumo Deus é servido e cô a desgraça tamein.

O Zé Pompeu estava sentado na soleira da porta e nem convidou o João para entrar. A physionomia abatida do velho cabocio deixava transparecer a dôr que lhe ia pela alma angustiada.

— Então mecê não sôbe?

— Que foi? inquiriu o João.

— A Chiquinha, tresantonte, sumio cô mardiçoado do Correinha! Fugiro pras banda do Espirito Santo!...

* * *

Pois seria possivel! A Chiquinha que, não haveria uma semana, estivéra num fan-

fango com elle lá no sítio, a Chiquinha que acanhada lhe respondêra ao seu pedido de casamento :

— Eu quero... Pale cum pae!

A Chiquinha havia se sumido com o Zé Correa?...

— Mas então todo aquelle affecto de muitos annos, aquelle amor!... Ainda se lembrava que no fandango ella fôra com um chale roxo que elle comprára para ella na loja do João Zuza, e com um collar de contas vermelhas, que no collo amorenado da cabocla ficava mesmo a matar! E vae ella fugira... e deixára-lhe... e deixára o velho Pompeu sem ninguem que lhe désse o café pela manhã, que lhe trouxesse agua para os pés... sem uma companhia!

Ella sua unica familia!...

E o João Mingote não se conteve, largou a soluçar como se alguem chegado lhe tivesse morrido, como se sua vida se fosse acabar com aquelle golpe rude na sua felicidade!

***

O carro do João Mingote vinha de novo carregado de café, cantando por ali a fóra.

As areias do chapadão, já agora, não se esfarinhavam sobre o sulco da ferragem, porque á noute o céu abrira-se e chorára com elle a sua dôr.

As cigarras, porém, do capoeirão, ensaiavam de novo seus guinchos.

O caboclo ia a pé, ao lado do carro, machinalmente excitando os bois, com a voz rouca que lhe sahia do peito alancoado. Não se esquecêra da Chiquinha.

E quando pouco antes da estação, ao cortar a encruzilhada que ia dar na casa do Zé Pompeu, por onde tantas vezes, á noute, seguira para encontrar a sua Chiquinha, o João Mingote tomou uma resolução. Adeantou o passo e deitou-se entre a junta do couce e a roda que vagarosamente vinha se approximando.

Iam as cento e vinte arrobas de café passar-lhe sobre o pescoço! Não se mexeu. A roda foi se approximando... approximando... e apertou as carnes do carreiro, fazendo o sangue rebentar em esguichos!

Passara-lhe sobre o pescoço!

E o seu carro, o seu bello carro de cabreúva, continuou cantando por ali á fóra, caminho da estação...

A Cruz da encruzilhada

A CRUZ DA ENCRUZILHADA

A GOMES CARDIM

A encruzilada d'a estrada de rodage cô carreadô qui vae dá no enfeza véio de nh Affonso tein ûa cruiz, e cada vein que o Bastião, neto do Tiburcio, passa par ali, garra aûa nervosa qui dura uns par de dia. E nein o Bastião passa par ali sein qui seje de manta percisão e sein fazé o pelo sinâ.

E' qui a cruiz tá pêrriba di ûa cova onde tá enterrado o pae delle, qui morreu matado nas própia mão do véio Tiburcio. Diz qui ficô assombrado o lugá, e purisso de nôiti ninguein passa pra encruziada di medo qui asseceda o mesmo qui asseceden pro Chico Arve, qui véio pará no rancho dos camarada sein fala e branco qui nein fia cera, e qui só contô o causo uns pár de tempo despois.

Meus cabello fica em pé só de me alembrá. O Tiburcio teve preso uns par de meis, mais despois entrô no jury e sahio livre por que os jurado achárô que o véio tinha rezão.

***

E foi pra môrde a mãe do Bastião qui o Tiburcio matô o rapais.

Pra morde'lla e pra môrde o macharico do Chico Arve.

O Tiburcio morava côa muié a defunta nhá Venancia, e duas fania, na empreitada do nh'Affonso onde tá hoije aquelle cafezá conhecido por cafezá véio. Tá qui este braço qui derrubô muito jequitibá e muita perôba de mais de seis braça em redô, na empreitada, haverá uns vinte anno feito.

Eu, nesse tempo era camarada do Tiburcio e me alembro di tudo como se fosse ntxo dia.

Eu e mais uns par: o Quim de Melle, o Juc'Antune qui morreu de bexiga im Pirapóra, o Chico Arve, e o defunto Vadôsinho que tá enterrado na encruziada da estrada.

As famia do Tiburcio éro duas caboerinha, a mais véinha qui casó cô Loterio e tão lá pros lado de S. Carro cum mundão de flaráda e a mais pequena — a nh'Anninha qui é mãe do Bastião, e qui nunca si casô-se.

E foi pra mórde esta qui o véio matô o Vadôsinho.

O Vadôsinho tinha parecido na empreitada vindo das banda do Esprito Santo da Boa Vista e se justô cumo camarada do Tiburcio.

Elle morava cum nóis num rancho no ôrto do ispigão e era um rapaisinho duro pro serviço.

Nh'Affonso e o Tiburcio andavo muito sastifeito cô'elle; mas o dianho é qui o rapais garrô de s'enfeitiçá pro nh'Anninha qui não havia mais parage.

Tudo nóis reparava qu'elle tuda noite amuntava no turdio (um cavallinho qu'elle pissuiu do Chico Arve por oitenta mi réis) e dizia qu'ia na venda do Arruda bebê um trago.

E o Chico Arve cumeçó a desconfiá e a pombeá o Vadôsinho. Levó nesse serviço

ûas par de noite, inté que um dia contô pro Tiburcio qui o espais andava c'a fia mais moça.

Só de réiva d'otro porqu'elle tameim tinha incrinação pro nh'Anninha.

Inda me alembro: Foi num dia de queimada qu'elle chamô o Tiburcio de banda e contô tudo.

Nóis táva fazeno um acêro pra mórdo atacá fogo na derrubada.

O sór táva a prumo e parecia qui o chão queria rachá de fervendo. As fôia das arve pipocava in bacho dos péis da gente.

O suor táva correno cumo áua.

U serviço pesado!

O Vadôsinho tinha ido lá in bacho no córgo enchê um corote, qui nóis não podia mais de sêde.

E o Chico aporveitô o osencia delle pra contá pro Tiburcio, qui parece qui nein deu fé da cumbersa do camarada. Só arregalô os óio e eu ponhei reparo qu'elle pertô o cabo da *laporte* que tragia na cintura.

E pensemo qui não havéra de havê nada.

O Vadôsinho vêio co'a áua, bebemo e botemo fogo na derrubada. Hôme, foi porva! Nuinstante o fogo cumpanhô o vento e foi simbora pro ispigão abacho. Rebentava

cada taquarussú qui parecia sárva de roquêra e nh'Affonso contô que pareceu cinza de avenca inté no terrêro da fazenda.

Mais de treis quarto de lonjura!...

Nóis fiquemo ali guvernando o fogo inté o escurecê, e só entãoes é qui fumo pro rancho fazê ũa merenda.

Bebemo um gorpe de pinga e inquanto nóis se acomodava o Vadêsinho pegô na viola e despois de pitá um cigarrão grosso cantô sem sabê o derradêro berse de sua vida:

> Dia qui o cigarro tira
> As magua do coração,
> Pitado o cigarro vão-se,
> As magua anaro se vão

E o rapais ficô um tempão pitando, maginando na vida, inté qui pensando qui os otro táva no somno véio, passô a mão no freio e no socado, ensiô o turdio qui durmia na sóga e betô-se pro carreadê a fóra.

*
* *

Nessa noite o Tiburcio deu conta delle.

Retrato feio

BIBLIOTE
SENADO FEDERAL

RETRATO FEIO

A José Veriano Pereira

Meia legua distante de Sorocaba, para os lados do cemiterio, erguem-se umas casinhas toscas, mal ripadas, mal barreadas, cobertas de sapé.

Chamam a estas vinte ou trinta casas — o bairro da Terra Vermelha.

Pois neste bairro é que morava o Bento Sujo, um cesteiro muito pernostico que vinha, quasi todas as semanas vender frangos no mercado e — quando tempo — canas, que eram transportadas em um caval-

linho muito sem pello e magro, a que se podiam contar as costellas.

O Bento era proseador de mão cheia. Dizia-se *bão* no *sapateado* e tyranno no *pinho*.

No mais era um bom cidadão... mas mau guarda nacional, porque quando o governo, por occasião da ultima revolta, *coluntariava* forças para o Itararé, o vendedor de frangos e cannas *azulos* para o matto, que não houve quem lhe botasse olho em cima. Creio que até agora não mais appareceu na *praça*, que é como elle chamava Sorocaba.

Com este Sujo deu-se o seguinte:

Tendo sido pedida em casamento uma sua irmã, da qual era tutor, e tendo necessidade de licença de meu pae, que era então o juiz de direito, tomou a deliberação de ir á nossa casa obter a licença sem que fosse necessario pagamento attento á sua pobreza.

O homem foi introduzido na sala de visitas, porque além de estar o escriptorio cheio de gente, elle dissera á pessoa que fôra vêr quem batia:

— *Que precisava falá um particulá com seu Tô.*

Dez ou quinze minutos levou o Bento á espera.

Meu pae, findo esse tempo, entrou na sala de visitas e deu com o homem a alhar com

muita attenção para um retrato, a oleo, de minha bisavó, tirado quando ella já contava uns bons sessenta annos.

O Bento Sujo levantou-se immediatamente e disse ao que vinha.

— Como se chama sua irman? inquiriu meu pae.

— Rita... *nós trata ella por Ritinha.*

— O nome todo como é?

— Rita Sujo.

— Sujo?... Que exquisitice... uma pessoa chamar-se Sujo...

— *E' verdade... seu Tô... nós semo da famia dos Sujo de Terra Vermêia.*

— Pois está direito. Não precisa pagar nada.

Durante todo o tempo que o Bento conversava com meu pae, não cessou de olhar o retrato de minha bisavó como si esperasse um ensejo para fazer uma pergunta relativa á ella.

E de facto — o Bento, sempre sahido, não se conteve, e disse, depois de terminado o negocio da licença:

— De quem é o retrato dessa *muié* tão feia, *seu Tô*?

Meu pae sorriu-se e respondeu:

— Essa mulher tão feia, que o senhor vê ahi, é minha avó.

O Bento Sujo comprehendeu então o que havia dito e procurou emendar.

— Ahn!... mais é um feio tão *disfarçavel*... que *quage* não se *acha* feio.

Pachorra de frade

PACHORRA DE FRADE

Não sei si já contei aos meus poucos leitores que meu avô chamava-se Eleuterio Biendo. Coronel reformado da antiga Guarda-Nacional, era geralmente conhecido por coronel Eleuterio.

Compadre de quasi todos, sinão de todos os caipiras casados dos arredores, estes davam-lhe o tratamento familiar de compadre coroné.

Dentre estes, o seu maior amigo, talvez por contar quasi a mesma idade, era o Manduca Soares, que nós — a creançada da fazenda — havíamos appellidado de compadre Corvo.

Justificando título este.

Ai do que fosse comer e cahisse na frente do compadre de meu avô! Num abrir e fechar d'olhos nhô Manduca devorava o que havia, fosse um doce delicado, fosse um pouco de banana frita na gordura.

Nos jantares ou ceias, o compadre Corvo servia-se invariavelmente tres a quatro vezes de arroz — um arroz muito aguado que se fazia na fazenda — sempre precedido de um:

— Compadre coronel, eu apercio o arrois.

Não havia hora em que não estivesse com fome.

Meu tio Chico, genro de meu avô, e morador um quarto de legua distante, numa outra fazenda que por este lhe havia sido dada de dote, contou que uma vez, nhô Manduca sahira jantado da fazenda do Chico da Cruz, seu visinho, meia hora depois, jantava segunda vez com elle, e que após o jantar vieram juntos visitar meu avô. Ao chegarem a mesa estava posta. Convidados ambos, tio Chico recusou; o compadre Corvo, no entanto, respondeu:

— Hóme, compadre coronel, eu gei geantei cum nho Txico, mais cumo eu apercio o arrois, bamo co'elle!

***

No mesmo dia que meu pae fôra baptisado, nhô Mandinca Soares levára tambem á pia baptismal — o Loterio, nome que havia sido posto em honra ao padrinho.

O Loterio, quando eu o conheci, era um caboclo magriço, alto, com uns pellos raros a surgirem-lhe pela face ossuda. Cabellos em abundancia, pretos, compridos, surgiam pelo chapéu abaixo, como se fosse um chinó muito mal feito, apenas preso pelo chapéo de junco enrodilhado.

Quando entrava na saleta em que meu avô costumava estar, deitado na rêde, a lêr uns jornaes muito atrazados da capital, saudava-o sempre com um — São Christo, meu padrinho!

* * *

Nhô Mandinca deixara o seu sitióco em que plantava cereaes, e criava gallinhas para levar á villa, e viéra feitorisar, na fazenda de meu avô, o terreiro em que se seccava o assucar em lençóes de aniagem, e em baleões que sahiam do armazem proximo, rodando por cima de uns trilhos tosces, de páu.

*

O serviço ia até o pôr do sol.

Terminado, ia mathematicamente dar uma prosa com o compadre coronel.

O canapé de couro era o logar favorito para sentar-se.

Chegava, dava um

— Boas tarde, pinchava o chapéu para baixo do canapé, sentava-se á turca e, torcendo o dedo grande do pé, começava na prosa :

— Hómo, compadre Coronó, aquella bosta que táva rente da cerca, eu ponhei no mascavo.

E por ahi seguia discorrendo sobre o que havia feito no dia.

***

Meu avô numa dessas occasiões de prosa foi quem teve a palavra.

Estava contando ao compadre a differença de costumes dos tempos de dantes com os de agora, e prodigava :

— Hoje, não ha mais nada. Respeito para com os mais velhos, seriedade, tudo desapparece.

E compadre Corvo apoiava-o sempre:

— E' veldade!

— Quer vêr? dizia meu avô. Quando eu estava estudando latim e francez em Sorocaba, quiz uma vez aproveitar a Semana Santa em companhia de meus paes, em Porto-Feliz.

Você quer vêr o que era severidade antiga? Pois escute:

Montei a cavallo, e cheguei ao Porto-Feliz, já escuro. Estava cançado, mas contudo fui vêr a procissão que fazem ás onze horas da noite, e botei-me para a rua, batendo pernas, a fazer horas. Passada a procissão, voltei para casa, e qual não foi o meu espanto quando dei com a porta da rua fechada.

No dia seguinte, levei uma formidavel sandbanda de meu pae, por não ter entrado ás oito horas!

Note, compadre, eu já tinha vinte annos!

Dormi na rua. Felizmente encontrei um frade na esquina, e tal era o meu somno, que dormi encostado nelle.

Nhô Mandinca não poude conter-se, largou do dedo do pé, e, voltando-se para meu avô, disse admirado:

— Mais, compadre coronê, o que mais me admira é a patchoura do frade!

— Como ?

— Lhe agoentar toda noite, vancê encostado nelle !

***

O homem tomára um frade de pedra por um frade religioso.

Caçada

CAÇADA

A Affonso Arinos

A tempestade desencadeára na volta da invernada, onde eu, o João Venerando e mais um camarada—o Tonico, haviamos ido, de manhã bem cedo, depois de um café completo servido á pressa em tigellinhas azues, matar umas perdizes para a Thereza que ainda guardava o leito do parto do meu affilhado Lourenço.

Fôra o Venerando quem lembrára, na vespera ao escurecer, irmos até á invernada, dahi a duas leguas, vêr umas *outardas* que levantavam sempre a mais de cincoenta braças de distancia.

Cachorro, tinha o Cacique. Uma especialidade que trabalhava de faro e de vento

como nem a Sultana do coronel Juvencio era capaz de trabalhar.

E a Sultana era falada.

O João Venerando não era capaz de dar seu Cacique por dois cupadetes ou por um terneiro crescido.

Já tinha engeitado essas trocas do Coronel, e achava mesmo que não havia preço para o seu cachorro.

Se o unico vicio do rapaz era a caçada.

E não era o Cacique a sua unica fortuna. Tinha tambem uma trêla de veadeiros que havia feito furor em uma caçada rio abaixo, perto do Avanhandava, dois annos antes, quando elle fôra como *cachorreiro* do Vadô de Souza, que só de camaradas levára nove pessoas.

Uma caçada de quasi um mez. Um caçadão!

* * *

A casa da fazenda ficava lá em cima no alto do morro e a estrada que conduzia campeava a colina, subindo aos poucos, a fim de não castigar os animaes que puxavam o café para o terreiro.

Cá em baixo, perto da porteira que abria para a invernada um enorme *páu d'alho* abria os galhos collossalmente, agazalhando os animaes quer do sol, quer da chuva, pois

que o tronco dividia-se, abrindo enorme garganta, onde cabiam quatro cavalleiros montados!

Foi ahi que entrámos, a esconder-nos da chuva que minutos antes desabára, quando de volta trazíamos na garupa quatro *gallinhas* gordas que a *lapada* de dona canna do Venerando fizera beijar a terra.

Bebeu-se um *golpe* de pinga a fim de combater a humidade que nos trouxera a chuva, e impacientes aguardamos que cessasse a batéga de agua para, em busca da casa que além se divisava, irmos ao almoço que já se fazia sentir.

O Venerando voltou-se nos arreios, collocou a perna esquerda sobre a cabeça do lombilho, á moda de cavalleira, sacou do fumo e palha, fez um cigarro, petiscou lume, tirou gordas baforadas, e, olhando para mim, como si durante o preparativo do cigarro ligasse factos e concatenasse ideias, disse:

— Foi num dia assim que eu matei nhô Juca na caçada do rio abaixo!

Uma especie de arrepio correu-me pela espinha á cima ao vêr a cara que fez Venerando contando que era um assassino.

— Matou?... inquiri seccamente.

— E'... matei sem saber... Matei de

medo... Eu conto para vassunecê como o facto se deu.

E collocando o cigarro já apagado entre a orelha e a cabeça começou:

— Nhô Vadô, que vassunecê conhece, tinha me convidado um mez antes para essa caçada rio-abaixo. Eu era, como ainda sou, apezar do que fiz, da confiança delle.

O homem tem fé em mim, porque não era a primeira monção que nós botavamos pelo rio levando mantimento e cachorro.

Já uma vez fomos além das Ondas Grandes, na fazenda do Serrito, um horror de terras por esse mundo de Christo, onde a anta é jurity e pintada, porco do mato.

Caça que nem farinha. E foi desde essa caçada que elle criou fé commigo.

Sabia que ninguem madrugava mais cedo, que não faltava cachorro na hora e que eu nunca mandei ninguem atraz de algum que desgaritasse, seguindo rasto perdido.

— Você, Venerando, é um caboclo duro, dizia me elle sempre, e apezar de eu não gostar que me chamem de caboclo nerrditava, porque companheiro é companheiro e nhô Vadô não olha nada para se diverzir n'uma caçada.

Foi depois disso que um dia elle surgio na fazenda, perguntando por mim. Indica-

ram o alto do espigão, onde eu estou com a empreitada do Major e lá foi elle *assumptar* sobre essa viagem de rio abaixo.

Bebeu comnigo um gole de requentado e abriu prosa.

— Homem, eu acceito, respondi. Estou na empreitada, mas isso tem quem olle na minha ausencia. Dura muito?

— Um mez, mais ou menos.

— E quando é o dia?

— Eu aviso. Nunca antes de S. Pedro. Você prepare a Inveja com o Alferes que são mestres, que eu levo a cachorrada do Pedro Liberato e a minha, e o Coronel leva a delle. Umas quarenta trelas.

— Eh! caçada! murmurei. E ficamos combinados.

* * *

Um mez depois descíamos o rio. Portamos primeiro no Paraiso, duqui a 6 leguas. Viagiuha. Mas no dia seguinte tocamos quatorze. Para lá da barra foi que pousamos.

Dahi em diante pouca gente topavamos. Uma montção de vez em quando vinda do Itapava, ou pescadores de beira rio.

O Piracicaba e o Tieté reunidos, corriam de aguas divididas duas ou tres leguas, e na corredeira das Ondas Grandes é que eu vi como o rio bufava, para romper as pedras.

De lado a lado a barranca era de ro cha viva, como si de proposito cortada a pique, e lá no alto, na mattaria virgem que a cobria como uma cabelleira de negro ouvia-se á tardinha o piar triste do macuco e o tridar cadenciado em começo e soffrego em seguida do inhambú-guassú.

De vez em quando o ronco felino de uma *pintada* sacudia o matto e vinha em balanço pelo rio a cima, fazendo subir pela espinha da gente uma frieza que um bocado de pinga não esquentava.

Homem! Era um mundo aberto!

Além o rio bifurcava-se, e uma ilhota se formava, cheia de tucumeiro, e as arvores de ingás com os braços esgalhados, cheios de fructos, mergulhavam-se na agua limpida e aqui e ali cardumes de *piaracanjubas* a disputarem brincando a assucarada fava.

Bandos de bugios passavam, de galho em galho, acompanhando a margem do rio, e olhavam nos socegados e tranquillos, não sei si sem receio de aggressão ou certos que fossemos eguaes a elles.

As barracas, nos pousos, eram armadas, porque do povo ninguem escorava dormir nos batelões. Pernilongo e borrachudo era como formiga e só depois de accesas grandes fogueiras era que se podia descançar um

pouco da lide afanosa do dia inteiro de remo e varejão.

Oito dias descemos e fomos barraquear na banda direita do rio, em terras de sertão sem dono, mas que os bugres pensavam ser só delles.

João Salvador, um velho indio já civilisado naquellas paragens nos recebeu com agrado, e foi elle, como conhecedor das mattas, o verdadeiro chefe da caçada, que ficou combinada começar ao romper d'alva do dia seguinte.

Bertoldo, que foi escravo do Coronel, era o cosinheiro, e, desembarcada a comedoria, tratou de preparar janta para a gente e angú de fubá para a cachorrada.

Já nessa tarde o pobre do nhô Juca passou a mão numa vara, arrancou umas *minhocussús* e, subindo numa canoinha louca, foi até o poço, perto do salto, de onde voltou com uma fieira de *mandijubas*.

A gente da caçada era muita: o Coronel Juvencio, nhô Juca, dr. Maneco, nhô Vadô Correia, os filhos do capitão Malaquias e mais uns quatro homens vindos de S. Paulo, que não guardei os nomes, fóra a camaradagem que andava numas vinte pessoas.

Dividia-se o povo. Uns sahiam a correr anta, outros veados, outros na pescaria. Só

o Dr. Maneco era unico que andava atraz de cocinha. Inhambú era com elle. Passava mão numa *fogo-central* de calibre vinte e cita, uma cano com chumbo fino e outro com bala por causa das pintadas que andavam comendo a criação dos *roceiros*, e entrava pelo matto a dentro, pachorrento, sem fumar, quiéto, piando.

Só voltava cora o escuro, com uma fome negra, conforme dizia. E jantando, fazia então um grosso cigarro virgem que fumava deitado no chão ostreme, soltando grandes baforadas que subiam, subiam por esse ceu a fóra.

Emquanto isso, nhô Juca preparava o violão para o Dr. Maneco, pitado já, cantar qualquer cantiga, que ella sabia um mundo como doutor que era.

Accendia-se uma fogueira para espantar a mosquitada e mostrar as onças, a gente se reunia em volta e o doutor botava a boca no mundo.

Assim se passaram vinte dias, quando uma madrugada sahi eu, nhô Juca e um moço de S. Paulo a soltar a cachorrada nuns *mutreiros* taludos que havia como farinha do outro lado do rio.

Dia aziago!

O mundo parecia que vinha a baixo de

escuro que estava. Roncava no ceu uma barulhada dos diabos. Era chuva que queria vir.

Apezar disso, nhô Juca, por força quiz que fossemos e fomos. E nunca tivessemos ido.

Soltámos a perrada no alto de uma derrubada nova em que iam plantar milho.

O moço de S. Paulo esperou no saltador do rio; eu fuí para uma espera bôa, onde na vespera tinha visto rastos de *suçuarana* em direcção á curva do rio, signal que ali tambem era caminho certo dos bichos ganharem a agua, e nhô Juca se afundou atraz da cachorrada com a buzina, animando a Inveja que dois minutos depois de desatrellada abalroou rasto fresco de veado.

De vez em quando ouvia-se a voz do moço que parecia que ia descendo pelo rio abaixo, triste, desalentada após o toque da buzina:

— Eh! Invééééja! Eh! Mimóóóóza! Aaaaahi!

A corrida encambitou para os lados do rio. O moço de S. Paulo é que devia estar babando de contente. Era certo o tiro.

Nisto reparei para um *fechado* que havia a uns trinta passos e senti um barulho nas folhas. E vi um não sei que diga, uma especie de cobra que deslisava entre as folhas do *fechado*. E a cobra foi crescendo, crescendo. Firmei bem a vista e o bicho parece que ia se transformando, crescendo e pintando.

Meus cabellos em pé, meu chapéo de palha balançava em cima!...

Aquillo que acabava de surgir, ali, pertinho de mim era uma *pintada*!

Fiquei frio, e encolhi-me.

A onça vagarosamente veio se approximando e apezar de eu estar armado, não tinha muita fé na minha *pica-pau*, para querer afrontar a bicha. E depois não era só isso. Si errasse? A coisa estava ficando ruim. Era preciso tomar um partido, a onça ia dar commigo e nunca mais João Venerando.

A onça veio vindo, chegando, abrindo a bocca, donde sahia uma lingua muito vermelha com que passava nos bigodes, grossos e poucos, como faz uma pessoa quando toma qualquer mingáo de tapioca.

Estava me vendo perdido e disposto, désse no que désse, a atirar quando um salvador *salta-martinho* cahiu da arvore produzindo na folhagem séca do chão um estalido.

A onça parou e voltou o focinho para o barulho.

Outro *salta-martinho* cahiu, e ella decidiu-se, foi vêr o que era. Meu coração cresceu, e parece que meu corpo tornou a esquentar.

A onça sumiu-se no *fechado* e eu ainda estava ouvindo a bruta, com aquellas munhecas enormes esfarinhando as folhas que cobriam o chão.

Num minuto galguei uma figueira brava, empoleirei-me num galho, disposto então a atirar a *pintada*.

O barulho della ia-se perdendo pelo matto a dentro. E comecei a imaginar a fera, dado o primeiro tiro, a voar num pulo para mim, sem mais nada, desarmado e de uma mordedada levar comsigo um pedaço de meu peito.

deixando vêr lá dentro aquella porqueira !... Agarrei a esfriar e a ficar com a vista turva, quando novo barulho fez-se ouvir do lado do *fechado*. Era ella! Instinctivamente levei a arma á cara e fiz pontaria para o barulho. Mexeram-se as folhas e vi apparecer... Nossa Senhora! Um tiro rebôou pela matta virgem e foi repercutindo pelos socavões, de furna em furna, de quebrada em quebrada, até ganhar o rio, onde um *haaaá!* sinistro foi caminhando!

Um grito... um grito, como nunca mais hei de ouvir, creio em Deus Padre! seguiu-se ao tiro. Despenquei da figueira e fui vêr. Nhô Juca era que levára a carga da onça! Tentou levantar-se nas mãos, fez um derradeiro esforço e estendeu-se ao comprido... morto!...

Nesse instante o ceu abriu-se num ribombo horrivel e a chuva desandou numa batéga!

.....

O engano do Coronel

O ENGANO DO CORONEL

A Furtado Filho

O Coronel Antunes Bicudo, apezar de cata-cego, era o velhote mais respeitado da villa de Indaiatuba. Em vesperas de eleição a sua opinião politica era a mais acatada, e o seu candidato era sempre quem obtinha maior votação na villa toda.

Por isso dizia-se que quem obtivesse a mão de sua filha Chica—cedo privada dos ternos carinhos, si tivesse veia politica ou si alguma vez ideiasse ser vereador á camara da villa, era contar como plano realisado.

Esta Chica de quem fallamos era uma mocetona bonita, de seus quinze para dezesseis annos, si bem que mostrasse ter pelo menos vinte.

Constava pela villa que ella andava de namoro com o Pantaleão, professor publico. A Chica, porém, jurava a seus pentes e a suas amigas que nunca atirára um olhar siquer áquelle *cajuado*, como ella o chamava.

O alferes Tiburcio, o maior *treoza* do logar, dizia no emtanto a quem queria ouvir que ella muitas vezes mandava pelo Justino, um molatinho especial para estas cousas, uns bilhetinhos que tresandavam a essencia de Pinaud, e chegava a affirmar que alta noute, o professor, de violão em punho, fazia serenatas á sua bella, cantando modinhas muitas o citava aquella:

> Eu sou captivo não posso
> Dar passos para vos vêr;
> Meu coração vos promette
> Amar-vos até morrer.

E augmentava:

— Homem, eu não affirmo, mas já vi um vulto uma noute pulae o muro que dá para o pomar do Ricardo. Quem havia de ser?...

* * *

Tanto rosnaram, tanto rosnaram, que um dia o coronel Antunes Biendo foi saber da historia.

Chegou á casa como uma féra; comtudo continve-se, e logo que lhe voltou a cabeça, chamou a Chica no seu quarto e disse-lhe:

— Menina, corre pela villa com certa insistencia que você anda namoriscando o Pantaleão. Você já está na edade de pensar com juizo. O Pantaleão é um João ninguem que não tem onde cahir morto; de mais a mais anda com fumaças de ser glicerista e mais dia, menos dia botamol-o no olho da rua... e eu quero vêr onde é que esse professorinho de meia tigella vae achar meio de subsistencia! Isto não me serve!... De modo nenhum me serve!...

— Mas... papae, gaguejou a moça.

— Aqui não tem papae nem mãe papae! Tua mãe—a quem Deus haja—quando me namorava não me mandava bilhetinhos com aguas de Colonia... como você!... Contentavamo-nos em vêr-nos aos domingos depois da missa, e ás vezes em casa do Elesbão, quando lá se jogava o visporas! Nunca dei escandalo e não ha de ser minha filha quem o dê... Por isso cesse com essa correspondencia que anda intrigando toda a villa!

Veja lá o que faz, do contrario não respondo por mim!

A desgraçada Chica não poude convencer o Antunes que tudo aquillo era obra do alferes Tiburcio. Em vão tentou convencer o coronel de que até aborrecia o Pantaleão. E com lagrimas nos olhos retirou-se para o seu aposento.

***

Havia na casa do pae da Chica uma creoulinha preta como azeviche, e que, por ter sido criada com ella, gozava na casa de certas considerações. Dormia no mesmo quarto da *sinhá moça* e andava sempre garridamente vestida de branco, e toda cheia de fitas e enfeites que lhe dava a filha do Antunes.

Que andava no *chic*, dizia a Luiza (que assim se chamava) porque tinha muitos namorados—dignos representantes da raça africana.

Entrava na immensa phalange de seus admiradores, occupando logar favorito, o Justino—o falado moço de recados dos intrigados amores do professor publico.

***

No dia em que passara o *pito* na filha, o coronel Biendo deitou-se ás horas do costume. Os mosquitos, porém, incumbiram-se de vingar a Chica.

Perseguido por um enxame de pernilongos, debalde tentára elle conciliar o somno. Os malditos volateis não o abandonaram um só instante. Esbofeteava-se o nosso homem suppondo que os exterminaria, mas qual, outro surgia quasi dentro dos ouvidos com o seu infernal fiiiin... fiii... in... in!

Accendeu a vela, tomou de uma toalha, e, abrindo a janella, resolvia-se a enxotar os importunos hospedes, quando chamou-lhe a attenção um vulto que cavalgava o muro do pomar, com geito de quem esperava alguem.

Uma idéia terrivel atravessou-lhe o cerebro!

— Seria o professor?...

Mal acabava elle de formular este pensamento, quando mansa e sorrateiramente abria-se a porta do quarto da Chica, que dava para o pomar, e nella assomou um vulto de mulher.

O coronel apagou a vela.

— Sim, são elles!... E ella ainda hoje a negar!... Ah! perfida!... Não se contentavam com as cartas! Falam-se tambem... E será só isso?...

E o senhor Biendo, mais furioso que um cão de fila quando lhe pisam a canda, foi tateando a commoda, abriu um dos gavetões,

municu-se de uma pistola de dous canos e dirigiu-se resolutamente para o pomar.

— Infames! balbuciava. Abusarem da minha bondade!... E amanhã o que se dirá?... E o meu prestigio politico?... Será o primeiro encontro! Ah! Pantaleão canalha, tu vaes vêr!... O Tiburcio tinha razão!...

Assim fallando chegára ao pomar. Ninguem se via; o vulto havia desapparecido de cima do muro. Tudo silencioso e quedo.

A lua, que se havia atolado instantaneamente entre umas nuvens escuras, reappareceu.

O Antunes esgueirou-se para atraz do carramanchão de maracujás e pôz o ouvido á escuta... Nada, tudo continuava silencioso.

—Seria illusão, pensou. No entanto era capaz de jurar que...

Nisto viu um vulto de homem que entrava para o carramanchão. O coronel ficou meio cégo. De um salto agarrou o intruso pelo gasnete, e, jogando-o para fóra, exclamou:

— Ah, miseravel!... Ousas attentar contra a honra de minha filha? Dize!...

O valto conserrou-se calado.

— Dize, tratante, se não te arrebento os miolos.

— Hê, hê, nhô Antuno. Mecê discurpe. Eu não sabia que a Luiza era sua fia, se não, não era capais! Pra mór de Deus não atire!...

Era o Justino.

Gregorio Bispo

GREGORIO BISPO

QUEM visse o Gregorio não dava nada por elle. Caboclo bonito na verdade, tinha, porém, estatura mediana, era bem entroncado e pernas e braços que não mostravam a rigidez do aço que possuiam; um todo emfim que não denotava

a valentia até á ferocidade de que era dotado.

Fama tinha, a que Deus dava, por esse sertão a fóra até o sul de Minas, onde pairava sobre o seu nome uma suggestão de terror nos animos dos mais fortes e valentes.

E com razão. O que o rapaz já tinha feito e especialmente o que fizera na venda do Zé Mineiro, para cá um pouco de Santa Rita da Extrema, era de contado não se acreditar.

Seis mortes! Elle e um camarada!

— Mais ou certo, disse o pombeiro, que me acompanhava quando, dirigindo uma escolta, descançava em casa do Chico Ambrosio, para lá da serra do Facão.

Seriam oito horas da noite. Emquanto o caboclo que nos hospedava, a titulo de delicadeza, esquentava uma chocolateira de *congonha* nuns *fueseis* de pedra, á guisa de fogão, o pombeiro puxou a tripeça para junto do foguinho de onde sahia uma fumaça incommoda de lenha molhada e verde, e alguns dos soldados que eu levava, gente toda sacudida, fizeram roda esperando sol fregos a narração de alguma aventura desse que iamos prender e talvez... matar.

O caboclo antegozou o que ia contar e principiou dirigindo-se para mim:

— «Alguma vassuncê não sabê.

«O criminoso tinha ido pra Santa Rita cumas besta furtada do Bento Barbosa, um fazendêro daqui, e levava cumo camarada, um cunhado do João Tiburço officiar de justiça o Tico, um outro peste cumo elle.

«Succegados fazêro a viage e succegados chegaro em Santa Rita, onde despois de uns pár de dia passaro a cobre a alimalada.

«Nisto o juiz qu'estava cua vara recebeu procatoria pedindo a prisão do hôme.

«Tremeu, mais de sustancia cumo era não quiz dá o braço. Falô só delegado um bobalião qui prometteu dá providença. Prometteu e não deu, qui si não fosse o juiz levá a peito não havia de havê aquelle morticinio de qu'inté hoje si fálla eis Santa Rita, crein Deus padre!

«Seis môrte!

«O juiz levô a peito. Levô e resorveo mandá a escôrta por si. Falô otra veis có delegado qu ranjô doze praça, e disse pra o juiz qu'elle não ia, mais qui dava hôme por elle—o fio—o nhô Raí, qu'elle, cunhecia muito, um rapasinho distrocido. E nhô Raí foi; não somente elle mais um amigo, um tar nhô Victorino qui appareceu em Santa Rita, vendendo alimá barneiro, mais qui a gente tava veno qu'éra um mocinho

dereito, sacudido e sério, desses de aventura, qui sae pro mundo ganhá vida.

«E o causo é qui a amisade delle có fio do delegado foi caipora pra o rapais qui a estas hóra, quein sabe, tava no Pará, cumo elle quiria, pra exprorá e ganhá dinhêro. Eh! mocinho bão! Roda in qu'elle tivesse ninguein pagava, qu'elle se offendia si fosse elle quein convidasse pra bebê.»

O pombeiro—Serafim, um bello exemplo de tez avelludada e voz cadenciada e macia, na qual se percebia a coragem modesta dos nossos caipiras, tirou de traz da orelha um cigarro já começado, catou um tiçãosinho no lume, tirou uma fumaça, cuspinhou para o lado entre dentes e continuou:

«A diligencia ficô prompta assim: Nhô Raú, fio do delegado, nhô Victorino e doze praça.

«A imboscada era na venda de Zé Minêro, bem na vêra da estrada. Eu preciso conta cumo era a venda. Na mão esquerda de quem vae uma casa cum duas portinha qui abria pra uma sala dividida no meio pur um barcão onde tavam gradada duas moéda véia de dois vintein. No fundo umas parteléra onde tavo um horrô de garrafa, na maioria sem nada.

«Lá é qui o Gregorio tava assistino, elle

propiamente não, qu'elle drumia cõas moça na villa, mais o camarada, o tár Tico, e no começo — a animalada. Qui o Zé Minêro dava casa o pasto. Lá, porém, o Gregorio tinha de, nessa dia, averano as sete, i pagá a despeza e toci cá pra Serra Negra, onde, diz que, tinha umas conta pra ajustá, cumo vassuncê sabe.

«Ahi é que foi o diabho.

«O Zé Minêro entrô na combinação. As praça se amuitávo no matto in frente á venda, adiante do rancho dos tropêro, inquanto qui nhô Raí e nhô Victurino ficavo dentro agachado atrais dobarcão, prompto a atirá quando óvisse a reposta do dono da venda :—catorze mir oitocento.

«O Gregorio chegô oô camarada, alli pras oito da manhã. Vinha amuntado numa mula pangaré, ferrada dos quatro pés, redonda cumo uma alcôfra. Trazia um tápa de seda de Rio Grande, cubrindo as arma e meia bota de côro de veado, apertada em bacho pur umas correnta qui prendia as roseta da espora... Tudo prataria!

«Apeáro e amarráro os alimá no rancho, entre a força e a venda, e o criminoso de nada suspeitô, nem mesmo oiando a cara de Zé Minêro qui tava branca cumo uma toáia de argodão bem lavada.

«— Bons dia pru mecê, disse elle entrano. E o camarada cumpanhê: — Bons dia.

«— Deus lhe dê bons dia, respondeu.

«— A madrugada foi tardinha, purisso só agora vô de passage. Quanto le devo?

«O vendêro puchô tremeno duns papé pardo d'embrulio onde tinha feito os assento e leu:

«— Peiso aqui pr'este moço, e indicô o Tico—seis mirréis. Pasto pr'os alimá inté qui fôro vendido—oito mirréis. Pinga—dois cruzado. Tudo: Catorze mir oitocento...

«Os dois rapais si levantáro no suffragante no ovi a palavra cumbinada: cada um de garrucha em punho, engatiada, nevejano o Gregorio qui de um sárto, pulô pro terrêro, levantano o tapa onde occurtava a ferramenta!

«Hóme foi preto!

«O camarada não perdeu tempo; cum tiro derrubô nhô Raû. O criminoso, já de cravinóte, espiô pra porta e vendo nhô Victurino de puntaria feita pra o Tico, livrô a vida do camarada, desfechando. O corpo de nhô Victurino, diz que cahiu purriba do barcão e despois, escorregando, sistendeuse no cumpridio... sem arma!...

Nisto os sordado acudiro e viéro atirano os dois já intrincheirado na venda. Oh Gre-

gorio damnado! O hôme parece qui tein oração e oração bôa. Num instante elles déro conta de quatro praça qui ficáro espichado alli no terrêro sem nunca mais verem o mundo.

«O resto botô os arco. Só uma ficô, de modo, escundida numa moita e assistio isto: O Gregorio levantá a tampa do barcão, arrastá o corpo de nhô Raú pra o terrêro, ordenando ao Tico que fizesse o mesmo pra o cadavre de nhô Victurino.

«Amuntuô os dois corpo em cruiz. Despois pegô ña lata de kerozene e rente dos mocinho, despejou sobr'elles. Riscô um phosphre em seguida e chegô aceso na rôpa de nhô Raú...

«Não demorô cumeçá um chêro do panno queimado, despois... de carne!...

«O camarada puchô os alimá qui nem se assustado tinha côs tiro, amuntáro e sem perpitarem qui viesse socorro pra força, abriro pra estrada qui seguia limpa e descortinado inté o morro!

«De longe em longe, o Gregorio vortáva a cara pra o terrêro e via os corpo dos dois fumegando numa toada... inté qui quebráro o espigão do morro e se sumiro na baixada...»

Letra superflua

LETRA SUPERFLUA

Thomé de Souza Bicudo, era filho legitimo de Cosme de Souza Bicudo e de d. Perciana de Souza Bicuda.

Um parenthesis.— Na nossa familia as mulheres feminisam o sobrenome, e d'ahi a razão da mãe de Thomé ser Bicuda).

Nasceu o meu illustre primo na fazenda da Taquara, municipio de Indaiatuba, aos 29 de Fevereiro de 1850.

Tendo completado, segundo os calculos da familia, quatro annos, seu pae, abastado fazendeiro de café, resolveu mandal-o aprender primeiras letras na villa proxima, e, tomada essa resolução inabalavel, porque todas

as resoluções que meu tio Cosme tomava, eram inabalaveis, seguio Thomé para a casa de minha tia Tudinha, uma das mais ricas moradoras da villa afim de entrar para a escola régia do Joaquim Tiburcio, casmurro professor que naquelles tempos era o unico da villa e redondezas.

Rachitico, enfezado, passava no entanto o meu primo Thomé por intelligencia precoce, tendo o velho Cosme grandes esperanças fundadas no seu primogenito.

Joaquim Tiburcio, logo no dia que Thomé estreiava na aprendizagem, chamou-o junto á mesa, de onde inspeccionava a sala de estudo, e inquirio-o:

— Como se chama?

— Thomé.

— Thomé, sem mais nada?

— Bicudo. Thomé Bicudo. Sou filho de seu Cosme.

— Não lhe perguntei isso... Quantos annos tem?

— Quatro.

— O que é?!

— Quatro.

— Pois você desse tamanho, apezar do magricella, só tem quatro annos? Ora...

— Sim, senhor. Quatro annos. Lá no sitio

se festeja sempre o dia de meus annos, e só se festejam quatro vezes.

— Qual! Você é muito magrinho, mas mostra ter pelo menos 14 a 16 annos.

— Pois se o senhor quizer faça as contas: Eu nasci no dia 29 de Fevereiro de 1856.

— Eu logo vi... Pois se estamos em 96, você tem 16 annos.

— É, mas é que seu Joaquim não sabe: Eu nasci no dia 29 de Fevereiro. Só faço annos de quatro em quatro annos!

O Joaquim Tibureio, franzio a testa, poz-se a pensar, fez os calculos e exclamou convencido:

— Tem razão, Você só tem quatro annos.

— Pois si papaé até diz que eu hei de morrer muito moço por causa disso, continuou meu primo como argumento esmagador.

* * *

O que meu primo Thomé aprendeu na escola do Joaquim Tibureio eu não sei dizer. Só sei que uma vez elle foi ao mestre perguntar para que servia a letra K, e o casmurro Joaquim, coçando a cabeça, lhe disse arrogantemente:

— A letra K não tem serventia nenhuma em portuguez. Só se usa em palavras estrangeiras. E' uma letra *supérflua*.

Dias depois o Thomé foi para a escola, empunhando um jornal e triumphante mostrou ao mestre:

— Seu mestre. Está aqui o K. Olhe: kerozene, e kerozene é portuguez. E' isso que botam nos lampeões.

O Joaquim Tiburcio não se deixou vencer e retorquio:

— Sim... mas kerozene é uma excepção, e não ha regra sem excepção. Kerozene é a unica palavra em portuguez que se escreve com K.

E disse com tal emphase, com tanta convicção esse ensinamento, que dahi em diante meu primo quando passava os olhos pelo abecedario quasi que lia: H—I—J—Kerozene—L—M...

Se não lia, passava-lhe ao menos pela mente a materia prima da illuminação da villa.

* * *

E foi com esses profundos conhecimentos de linguistica que meu primo foi tomar conta da fazenda da Taquara, por morte de meu velho e honrado tio Cosme Ricardo, depois de dous annos e meio de estudo.

Muitas vezes dou com a letra K applicada em varias palavras, mas firme nos são

principios bebidos na escola do Joaquim Tibarcio lia sempre—kerozene.

Bastava ter o K, era kerozene.

* * *

Visinho ao sitio do Thomé, era o do nosso tio commum— Antonio Bicudo, que sempre o auxiliava com conselhos na administração da lavoura e que era para Thomé um segundo pae.

Nada fazia aquelle sem consultal-o.

Em 1872, quando adoptamos o systema metrico decimal, o seu commissario de café em Santos, escreveu-lhe uma carta cheia de cumprimentos, dando-lhe explicações relativas ao novo systema.

Thomé mal leu a carta empallideceu. Apressadamente mandou ensilhar o *Doutordilho* e botou-se de galope para o sitio do visinho tio.

— Vocemecê está vendo, exclamou elle da porteira ao tio Antonio, o que o governo acaba de fazer?

— O que ha? indagou meu tio assustado.

— Pois o nosso café vae-se embora... não ha mais quem compre...

— Suba e me conte o que ha.

Thomé largou o *Bancadilho* amarrado pelas rédeas na cerca e subio de dois em dois os degrios que iam dar no alpendre em que se achava o nosso tio.

Tirou a carta do envolloppe e disse socegadamente:

— Leia.

— Leia você mesmo que eu não sei onde estão os oculos, desculpae-me meu tio.

Thomé abrio a carta e leu vagarosamente, segundo os sãos principios bebidos na escola do Joaquim Tiburcio, o seguinte:

« *Illm. sr. Thomé Bicudo.*

Desejamos a v. s., bem como á exma. familia, todas as felicidades de que são dignos.

Tem esta o fim de prevenir a v. s. que em virtude do nosso governo ter acceitado o novo systema metrico decimal, teremos de fazer a base do preço do café por kerozene, porque por kerozene é que o café será de hoje em diante pesado.

Desejando que nos honre sempre com suas ordens, subscrevemo-nos de

V. S.

Att. ven. cro. obr.

Mergues Leite & Comp.

Santos—12—7—1878. »

— Que historia de kerozene é essa? exclamou intrigado o tio Antonio.

— Pois é o tal novo peso! Ora imagine um café pesado a kerozene, como não ha de ficar fedendo!... Que preço ha de dar!

Nosso tio foi buscar os oculos e tomou da carta, mas não houve força humana que convencesse o sobrinho que a palavra escripta na carta era kilo e não kerozene.

Lá estava o K, para o Thomé era kerozene.

E montando no *Desenrolão*, caminho do sitio, furioso ainda contra o governo que lhe mandava pesar o café a kerozene, dizia:

— Bahi... póde ser! Quem sabe se o tal kilo não é tambem excepção da tal regra do Joaquim Tiburcio!

* * *

Si o meu primo vivesse no tempo em que Julio Ribeiro escrevia seus artigos, havia de dar com kerozene em quasi todos os seus escriptos.

Infelizmente, porém, realisou-se a prophecia do pae, e Thomé morreu festejando apenas doze anniversarios, ou por outra, contando sómente doze annos, segundo os calculos do Joaquim Tiburcio e da familia.

Pois elle tinha nascido a 29 de Fevereiro!

Os Queijos Suissos

Os Queijos Suissos

A João Luzo

. . . . . .

— O meu tio Antonio Bicudo era um *Zé Caipora*. Não um *Zé Caipora* na extensão lata das duas palavras, mas *in partibus*.

Não era um Zé Caipora em tudo porque era homem de fortuna, possuidor de uma esplendida fazenda de café em Indaiatuba, da qual mandava algumas mil arrobas para Santos, com destino a seus commissarios Carvalho & Comp.

Mas era caipora, em parte, por ser um *nabos de fome*, como se costuma dizer e fazer sempre, por causa disso, figura triste.

Elle pouco se incommodaria com isso, si não fosse esse exactamente o seu fraco — não querer nunca passar por avarento.

Si meu tio Antonio vinha de lustro em lustro a S. Paulo, a negocio em que sua presença era indispensavel, desgraçado delle si tivesse de ir para um hotel. Os parentes e amigos é que eram sempre as victimas. Nunca soube quanto custava uma diaria nos hoteis.

Si tomava um bonde acompanhado, o meu tio, emquanto o companheiro punha a mão no bolso para tirar os competentes nickeis da passagem, puxava vagarosamente do bolso de dentro do paletot de uma carteira cabida, rodeada de um elastico vermelho, tirava o elastico e então propunha-se a fazer o pagamento com uma nota de dez mil réis, dizendo:

— Deixe que eu pago...

— Não, seu Biendo, já paguei.

— ... Mas é que eu precisava de miudos...

E punha de novo a pellega na carteira, rodeada esta com o elastico, e zás para o bolso de dentro do paletot.

O ultimo caiporismo de meu tio foi fallecer no dia 25 de Junho do anno passado, mas

o penultimo foi exactamente o que eu vou contar.

* * *

O Carvalho da firma Carvalho & Comp., de Santos, havia-lhe escripto enviando juntamente a conta de venda de seu café, e, na fórma do costume, pondo á disposição para dahi a trinta dias os cobres que, deduzidos os saques feitos para o custeio da fazenda, andavam annos quarenta contos.

Ora, acontecia que o bom do meu pazonte precisava desse dinheiro dentro de 15 dias para comprar um sitio visinho e augmentar assim a sua propriedade. O diabo, porém, era o cobre só vir dahi a um mez...

— Nada, disse elle, vou a Santos. O Carvalho hospeda-me e ha de me arranjar o dinheiro, desde que eu lhe mostre a necessidade que ha; porque do contrario o compadre Castanho fecha o negocio com o coronel Alves e eu fico olhando... Além disso eu já estou velho e nunca vi o mar. Quem vae a S. Paulo vae a Santos.

Meu tio não se esqueceu que já havia oito annos que não vinha á capital e que por isso o sobrinho Joaquim teria de dar-lhe pousada com prazer.

Fez o calculo das despezas da viagem, pensou nos dias que poderia demorar e

recommendou á mulher que dahi a oito dias lhe mandasse condução pelo Benedicto.

Entrou no bahú de folha mais camisa e ceroulas de algodão, um terno muito surrado de diagonal preto e no dia seguinte cedo, montado no Sultão, poz-se a caminho para a estação da Ytuana que ficava mais proxima á fazenda, pegado pelo Benedicto.

* * *

Chegou a Santos sem novidade, tendo, porém, ficado um tanto afflicto no descer a serra.

O Carvalho lá estava na estação á espera do tio Antonio, porque este fizera o sobrinho telegraphar de S. Paulo participando a sua chegada.

Foi mesmo tio recebido com viva demonstração de sympathia, e era natural, porque, desde que se fundára a casa Carvalho & C.ª, nunca tivera elle outros commissarios.

Accresce que pela ultima epidemia o Car

valho fizera a familia subir a serra e fôra refugial-a em Indaiatuba.

A senhora do Carvalho — D. Anninhas, ia gravida e lá deu á luz um pequerrucho, que pouco tempo depois era baptisado, tendo sido meu tio convidado para padrinho.

Era justo, pois, uma recepção amistosa a um compadre.

***

— Para onde vamos?

— Para casa, certamente. Vamos primeiro ao armazem; o compadre deixa lá a mala, eu falo pelo telephone á Anninhas que nos prepare o jantar e seguimos então no primeiro bonde para a Barra.

— Telé... o que? inquiriu meu tio intrigado.

— Telephone... ah! o compadre não póde conhecer. Nós temos aqui desde que puzeram em S. Paulo... Ha uns cinco annos...

— E' por isso. Ha oito que não venho a S. Paulo.

Já li uma descripção disso. Dizem que é interessante.

— Eu tenho no armazem. Lá o compadre póde falar para a chacara e ouvir.

***

Instantes depois, no armazem, defronte do apparelho telephonico, o Carvalho dava explicações a meu tio sobre o modo de conversar-se.

— Olhe, quer vêr? dizia elle, e tocou a campainha.

Um minuto depois estava ligado com a chacara.

— Allow! Anninhas? é... é... son... olhe... prepare-nos um bom jantar, porque o compadre Bicudo chegou hoje da fazenda e vae jantar comnosco.

E voltando-se para o compadre offereceu-lhe o phone dizendo:

— Escute... é minha mulher que fala.

Ora aconteceu que D. Anninhas, suppondo que era o marido quem continuava no apparelho, disse de lá:

— O compadre Bicudo?... Aquelle de Indaiatuba?... O unhas de fome?... Aquelle que deu dois mil réis para o padre no dia que baptisou o Tonico?... Para elle não precisa bom jantar. Qualquer porcaria serve. O diabo está acostumado na miseria!

Imaginem os leitores a cara do meu tio Antonio Bicudo ao ouvir estas cousas todas!

Apezar de tudo, fingio que nada ouvira de máo e dahi a uma hora estava na cha-

cura da Barra com o Carvalho e família em torno á mesa.

O jantar correu appetitoso, mas do que meu tio mais gostou, foi, ao *dessert* — do queijo suisso. Nunca tinha comido tal queijo, nem mesmo nunca havia visto.

Serviu-se de um bom pedaço e repetiu, achando-o delicioso.

E como não queria fazer figura triste, dizia á comadre:

— O seu queijo é magnifico, nunca comi tão bom como este!

* * *

No dia marcado a conducção esperava-o á estação.

Tambem meu tio foi pontual. Vinha satisfeitissimo, arranjára o negocio com o Carvalho e trouxera o cobre.

O compadre encheu-lhe as medidas.

Ao chegar á fazenda contou á mulher e filhos as peripecias da viagem e lembrou-se então do queijo suisso comido na chacara do Carvalho.

— E' um queijo especial... nunca visto. Foi uma pena eu não ter trazido de Santos. Mas ainda é tempo... Vocês vão vêr... Amanhã tenho de escrever ao Carvalho e faço

lhe a encommenda do queijo. Com certeza não colira nada; é o costume delle.

* * *

Uma semana mais tarde, o Benedicto, que viera da estação, entregou a meu tio as cartas que haviam chegado.

Ao dar com uma da casa Carvalho & C.ª, exclamou radiante:

— E' o queijo suisso que encommendei.

Meu tio não se poude conter. O conhecimento lá estava; não quiz saber do resto, apenas vio dentro da carta um papelzinho azul, mandou encilhar a Baroneza e disse á mulher.

— Vou á estação. O tal queijinho delicioso chegou hoje...

A estação distava meia legua da fazenda. Em vin'e minutos elle estava lá.

— Seu chefe, disse dirigindo-se ao chefe da estação, tem ahi uma encommendasinha para mim?

— Tem, seu Bicudo, umas cousas que eu não sei o que são, cobertas de zinco... Olhe ali estão.

E mostrou lhe os quatro queijos suissos que meu tio havia encommendado e que a firma Carvalho & Comp. fôra solicita em enviar, acompanhados da respectiva nota do preço!...

Meu tio julgava, muito naturalmente, que o queijo suisso regulasse em tamanho com o de Minas, e por isso encommendara apenas quatro, para elle e familia!

Imaginem de novo a cara de meu tio ao vêr aquelles quatro queijos que tinham cada um o tamanho de uma roda de carro!

Um Assustado

UM ASSUSTADO

A ANTONIO DE GODOY.

Estou a vêr daqui a leitora descerrar os labios, mostrar uns dentinhos alvos como tudo quanto é alvo e dizer uma risosinho expressivo.

— Um *assustado!* E esplendido um *assustado!*

Pois nesse dia D. Eulalia não pensava que se dançasse em sua casa, mas as meninas e especialmente a enfiadeira...

Mas, não antecipemos.

D. Eulalia, a viuva do major Moreira, morava numa das melhores casas do largo

da Matriz, com suas duas filhas, Nicota e Nhanzinha.

A casa era de esquina, a porta da rua dando para o largo, mas havia um poder de janellas que davam para a rua do Commercio.

Uma das filhas—a Nicota—tinha um genio levado da europa; gostava de danças, espectaculos, de divertir-se emfim; mas a Nhanzinha, não.

Esta era séria como um burguez pacato e rico, e si gostava da arte da dansa Terpsychore nem por isso mostrava tanto, como fazia sua irmã mais moça.

Façamos, amavel leitora, uma visita á casa de D. Eulalia. São seis horas da tarde e é domingo. Sob o poder magico do meu talisman de narrador, galguemos serrateiramente os seis degráos da escada, e abramos, sem que nos pressintam, a porta que dá para a sala de visitas.

—Ih! Quanta gente, meu Deus! A familia do Antunes Ricardo, as tres filhas do Guedes, D. Chiquinha e a filha... o Zé do Godoy! Então dança-se com certeza... O Zé não quer saber de jogos de prendas, nem de advinhar amigos. Lá com elle é dança. Para isso elle é uma Thebas. Sarracoteia, pula, pinta o sete; traz a sala em constante hilaridade,

— Mamãe?... Podia bem se dançar, diz a Nicota á d. Eulalia, que sizudamente conversava com a mulher do Antunes Bicudo.

— ... Pois dancem... Vocês são moços, arranjem-se.

O Zé de Godoy deu um pulo de contente e segredou ao ouvido da Nicota.

— E'... póde-se, respondeu ella, mamãe não fica zangada.

Esta correu para dentro e chamou o Justino o moleque da casa.

— Você vai á casa de D. Constancinha, ordenou ao moleque, e diga a *ella* para vir até cá com a Marocas e a Zizinha. Si perguntarem p'ra que é, não diga nada... De passagem porte na casa de *seu* Corrêa e diga tambem a *elle* que venha tomar uma chicara de chá.

O Justino desceu num pulo os seis degráos, e dahi a minutos entrava de volta offegante no salão:

— Que D. Constança não podia vir porque estava um pouco endefluxada, mas que mandava as meninas pelo Tonico... Seu Corrêa já vinha. D. Eulalia foi para dentro com seu ar sempre risonho, sempre bonachona arranjar umas cousinhas para o chá.

As cousinhas eram uns sequilhos, broinhas, pães de ló, comprados no Souza da esqui-

na da rua Direita um padeiro que estava começando a montar uma confeitaria, e uns bólos de frigideira, bananinhas, etc., arranjados á ultima hora, com grande trabalho das negras, que andavam azafamadas de um lado para outro, resmungando baixinho contra a idéa da nha Nicota.

. . . . . .

— Tirem pares, meus senhores!

— Pares para uma geral, gritou o Soares.

— Seu Corrêa?...

— O que é?

— Tire par, faça o favor.

— Eu ja tirei.

— Nhanzinha, você tem par?

— Não.

— Então dance aqui com o Theobaldo.

— Está tudo prompto?

— Tudo...

— O' Luizinho? Quem é teu vis-à-vis?

— E' o Tonico.

— Seu Carvalho!... Oh! seu Carvalho... Tenha a bondade de recuar um pouco para lá; aqui está muito apertado.

— Estão prompros?

— E a musica?...

— Zé de Godoy disse que arranjava.

— E' verdade, a musica, disse a Nicota?

— Ora esta! E não é que se queria dançar sem musica?!

— Dancem que eu assovio uma quadrilha, disse o Antunes, gracejando.

— Qué dê o piano, Nicota?

— O piano foi hontem para a chacara.

— E agora?

— Está tudo arranjado! gritou o Zé de Godoy, entrando no salão com um velhote italiano muito assustado, que empunhava uma concertina. O Amaro já ahi vem e acompanha no violão. Está tudo arranjado! O seu Paleoati e o Amaro são a nossa orchestra.

— Bravos... Viva o seu Paleoati

.....

E eu daqui estou vendo a leitora, descerrar os labios, mostrar uns dentinhos alvos como tudo quanto é alvo, e dizer num risosinho expressivo:

— Um assustado! E esplendido um assustado!

O Zé Canella

O ZÉ CANELLA

AO VICTOR STEIDEL.

O acabar-se a *légua* da *Fazenda Velha* a estrada que fazia antes uma curva viva para ganhar a baixada, afundava-se numa mattaria virgem.

Fôra nessa mata que o Zé Canella desapparecera. Ia montado no seu *gatenduba*,

um cavallo de virar e romper, como elle dizia, e que nem o seu patrão — o Chico Eduardo, possuia melhor.

O caboclo ia com urgencia, porisso, na baixada, depois da curva, déra sómente um pouco ás rédeas ao animal, que apenas tinha bebido uns goles da agua avermelhada do ribeirão, e já era animado pelas chilenas do Zé Canella que excitava-o:

— Amo, diabo!

O cavallo, brioso, subio no galopão e em breve desapparecen na mata.

A estrada ia dar na villa e nem outra direcção levava o camarada.

De vez em quando, no descançar de algum galope, o Zé Canella afrouxava um cigarro de fumo picado e apalpava na algibeira da calça uma carta dobrada em dois, que momentos antes o Chico Eduardo lhe entregára na *Fazenda Velha*.

O caboclo ia scismando naquella pressa do patrão em que a carta que levava fosse entregue nesse mesmo dia, e palpitava comsigo que aquillo tudo era por causa das eleições proximas a arrebentarem. E teve certeza disso quando, ao entregar na villa a carta ao coronel Braga, elle dissera simplesmente:

— Volte já. Diga ao compadre que a

coisa está feita e que é preciso elle vir com o povo.

Nesta ultima palavra Zé Canella percebeu — capangada, e, dez minutos depois de entregue a missiva, elle estava de volta para a *Fazenda Velha*, agora, porém, menos apressado, cantarolando, pela matta já escura, quadrinhas tristes de amores desprezados:

O fogo quando se apaga
Na cinza deixa o calôr;
O amor quando se acaba
No coração deixa a dôr.

. . . . . .

O Zé Canella era um rapaz alto, moreno escuro; os cabellos pretos cobriam-lhe bastamente o craneo grande e bem feito. No rosto, além de um buçosinho negro, que sombreava o labio superior, um fio ou outro perdia-se pela face sympathica do camarada.

E no entanto o Zé Canella fôra esquecido pela Maricas, e era nisso que pensava elle quando, de volta da villa, vinha pela matta escura a cantarolar cantigas tristes:

Si neste mundo de Christo
Quem ama tem que soffrer,
A vida é triste martyrio
Pois eu amo até morrer.

E a voz do caipira cortava a matta e monotona elevava-se para o azul da noite, até o ceu que Vesper começava a illuminar, n'uma cadencia tristonha e bella, pungindo o coração de quem o ouvisse, contando á natureza a dôr de sua alma ferida pelo abandono da Marocas.

E que ingratidão da moça em esquecer quem por ella de tudo era capaz! Nem precisava citar factos, bastava lembrar aquella vez que o rapaz, pela madrugada, sob uma chuva de Janeiro, que cahia a jorros, fôra, só por amor della, naquelle mesmo *gatcadinho*, por aquella mesma estrada, pela qual elle vinha triste cantarolando, buscar uma *mézinha* na botica do João Lopes, que o Chico Eduardo receitára para ella — Marocas, enferma ha dias.

E nisso vinha pensando o Zé Canella, até que esbarrou na porteira do pasto grande.

E se não fosse o *gatcadinho* com a cabeça dar mostras de impaciencia, tentando varar, o Zé Canella não teria percebido a chegada silenciosa e funebre da *Fazenda Velha*.

Aqui e ali uma luz mortiça nas casas dos camaradas, e na do Chico Eduardo, a porta entreaberta deixava escoar-se uma tenue claridade que partia da varanda.

O camarada apeou-se no terreiro, amar-

rou o cavallo na cerca de guaratans e subio barulhentamente as escadas do alpendre, sacudindo as chilenas que esbarravam nos degráos.

No quintal um *jaguapéra* latio e outros cães fizeram côro.

Foi só então que o Chico Eduardo desdobrou-se da rêde onde descançava e veio vêr quem era.

No começo do corredor esbarrou com o Zé Canella.

— Ah! E' você? disse, e fêl-o entrar para a sala illuminada. O compadre respondeu?

— Não, senhor. Só mandou dizer que a coisa está feia e que mecê fosse com o povo.

— Canalhas!... resmungou o Chico Eduardo. Não querem a paz. Vão vêr o bonito... Bom... amanhã bem cêdo me procure. Póde ir.

— Até amanhã pra mecê disse o camarada despedindo-se e sahio pelo corredor a arrastar as chilenas que compassadamente faziam no soalho um *reim reim* caracteristico.

No terreiro montou no *gatradinho* e pelo caminho que levava á sua casinha, do outro lado do tanque, ainda foi cantarolando triste,

n'uma indifferença enorme por tudo aquillo, pensando só no seu amor, que a Marocas recusára sem motivo algum, sem que cousa alguma elle lhe tivesse feito.

Se eu morrer você me mata,
Toda a culpa você tem;
Você mesmo foi a causa
De te querer tanto bem.

* * *

De ha muito que era notada na *Fazenda Velha* a mudança do genio do Zé Canella.

Elle, outr'ora tão alegre e buliçoso, tão brincador e feliz, era visto sósinho agora a partir para o serviço e sósinho á volta, evitando amigos, não querendo saciras e pouco falador.

Da viola só queria, á porta da casa, cantares ao escurecer, sem vida mais para um *sapateado* donde, em desafio com os primeiros do logar, ficava sempre até ao amanhecer.

— Quem matou seu cachorrinho? perguntava nha Rita, uma velha da familia dos Souzas, dos primeiros vindos para o sitio do Chico Eduardo.

E o Zé Canella, sem siquer respondia, limitava-se a olhal-a e sentia uma como que vontade de desabafar a ingratidão da Marocas, da sua afilhada, que, sem quê nem p'ra quê, o havia deixado, cessando re-

pentinamente aquellas caricias que faziam delle o camarada mais feliz de toda a *Fazenda Velha*.

E antes falasse, porque alli Rita lhe explicaria que a Marocas cada vez mais arrebentava por elle e que o afastamento subito da rapariga era tudo obra do perverso do Chico Ignacio.

— Mas, para que ?... pensava...

***

Porisso, quando viram o rapaz alegre e satisfeito, depois da conversa pela manhã com o Chico Eduardo, vir animar a camaradagem, narrar a historia da eleição dahi a dois dias, e dizer que o povo da villa fazia pouco nos camaradas do coronel e do Chico Eduardo, a gente do sitio alegrou-se toda e promptamente se poz á disposição do Zé Canella, julgando ter lhe voltado a antiga alegria e decidida a não deixar o patrão perecer naquella lucta, que elles mesmos não sabiam para que fim era.

E não foi só a gente da *Fazenda Velha* que promptificou-se a marchar para a villa, tambem a caboclada do João de Mattos veio nessa mesma tarde reunir-se aos outros e a do *Hopeza* promettêm não faltar.

Voltára a animação ao Zé Canella. Estava contente.

Ia, sem saber bem o motivo, brigar, ao lado daquella camaradagem toda, com a força policial da villa que sustentava o coronel João Luiz, inimigo de seu patrão, e não sabia porque aquella lucta, em que haveria tiros de garrucha, bacamartes, carabinas, revolveres desembainhados, lhe sorria como se fosse uma vingança ao desprezo da Marocas.

Que lhe importava morrer agora que ella não mais o amava.

***

Pela noitinha, caboclos armados e quietos seguiam pelo carrinho na vespera trilhado pelo Zé Canella.

O Chico Eduardo, horas antes, partira e com o coronel Braga providenciára para o agasalho na villa daquelle povaréo todo.

Accommodar-se-iam no rancho grande dos tropeiros, do outro lado da villa, perto da ponte nova.

Tinham ordem de resistir se o delegado não consentisse no agrupamento, como costuma, e no Zé Canella foram dadas instrucções nesse sentido.

Na villa havia um silencio annunciador de tempestade. Casas fechadas, vultos que passavam n'um cochichar funebre de ve-

pera de grandes luctas. Cães nivavam extranhando aquelle movimento surdo que se fazia de preparativos guerreiros e um arrepio corria pelos morsadores pacatos da villa na certeza do grande barulho que se ia fazer no dia seguinte.

Um prenuncio certo de rios de sangue!

Mesmo ao rancho dos tropeiros, a conversa dos camaradas, em numero de cento e tantos, era em surdina, como se não quizessem quebrar o silencio sagrado que pairava na povoação.

A' meia noite chegaram os ultimos camaradas. Esses vinham do *Imperio*, retirado meia legua da *Forrada Velha*, e por mal entendido haviam partido duas horas depois da que tinha combinado o Zé Canella.

Gente toda de confiança, que não era a primeira eleição que fazia.

Arranchavam-se lá mesmo como podiam e debaixo dos ponchos de baêta azul, que despiam para descançarem sobre elles, viam-se luzir garruchas de dois canos e refles afiados.

* * *

O sino da cadêa bateu uma hora da madrugada.

Ao longe ouvio-se o passo cadenciado de soldados em direcção á ponte.

Zé Canella mandou atear fogo na *coivára* que momentos antes não deixára accender, afim de illuminar a lucta que elle sabia ir principiar.

E não se enganou. A força marchava para o rancho e parou no alto da estrada de rodagem que vinha dar á ponte.

Trocaram-se vozes baixas e um vulto destacou-se caminhando para o magote de caboclos já em pé.

— Oh amigos! bradou o vulto de longe, qual é o chefe de vocês?

O Zé Canella surgio d'entre os homens e avançou:

— Aqui não ha chefe, respondeu. Somos gente de nhô Chico Eduardo.

Já então os dois falavam frente a frente. Zé Canella reconhecêra o alferes Toribio, commandante do destacamento.

— Vocês não podem entrar armados na villa e, si quizerem ficar, entreguem-me as garruchas.

— Nem cem de você nos desarmavam, caboclo atôa! Não queremos outra cousa senão brigar com esses pingalos que você traz.

E o Toribio viu brilhar á claridade da fogueira os canos de uma garrucha. Já a esse tempo a força, ouvindo vozes que altercavam, descêra em direcção ao rancho.

De um salto o alferes poz-se de salvo, e ao estourar de um tiro, que o não apanhou, sua voz fez-se ouvir nervosa, rebôando pelo amplo silencio que então se fizera.

Fogo!

As carabinas descarregaram-se uma... duas... tres vezes em ordem, depois em um pipocar de tiros infernal, confusa, medonhamente.

A lucta abria-se.

Zé Canella quebrou o corpo á descarga e vôou para o commandante. Emquanto isso, os camaradas instinctivamente fugiram para voltar pelos flancos, alvejando a força que descarregava ainda sobre o rancho.

Reinou a desordem. Viam-se vultos que ganhavam a estrada, de mãos nas virilhas, gemendo, fugindo áquella sanha diabolica de exterminio!

Lucta inglória!

O sino da cadêa fez ouvir duas badaladas.

Novo silencio se fizera. Parecia a quem por engano descesse áquellas paragens que nada houvera, quando em torno caboclos escondiam-se na matta e soldados subiam, apressadamente, o caminho do quartel.

E, comtudo, oxalá que ahi apparecesse veria cadaveres estendidos ao pé do rancho.

O primeiro que encontrasse em o corpo varado do Zé Canella.

* * *

Um vulto de mulher, após aquelle vozear horrivel, aquelle furor sanguinario de gente que se matava, correu aos corpos que jaziam por terra, examinou-os, e, ao dar com o do Zé Canella, arrastou-o para junto da *coivára*, cuja luz, prestes a extinguir-se, lançava repentinos clarões como de uma vida que se acabava, e, tirando-lhe da testa os hastos cabellos pretos, tintos do sangue que lhe ensopava o rosto, desfigurando a physionomia serena do capanga, beijou-o soffregamente nas faces, na bocca, nos olhos, e depois, soltando uma risada estridula, nervosa, herculea, fugio pela ponte, allucinada, e ganhou a estrada da matta virgem, soluçando entre dentes:

— Foi por mim que elle se matou!

NOTAS

Procurei dar aos meus despretenciosos contos o cunho caracteristico do mineiro paulista, que quando escrevi em portuguez corrente, quer na maneira especialissima de seu estylo e de seu modo de falar, como nos contos—*O adamado*, *Cruz da encrucilhada*, e outros.

Acho, porém, que deve, aos que ignoram essas particularidades, aos que desconhecem a sua linguagem, a poesia e a ironia de seus versos, os seus habitos, etc., algumas notas explicativas, que adiante faço.

NOTAS

FESTA DE S JOÃO

Pag. 1

Capella

Pequena povoação que ainda não é villa, 20 ou 30 casas reunidas, onde existe uma capella. E' quasi o mesmo que bairro, no entender caipira; com a differença que neste as casas estão distantes e aquella reunidas, ou muito proximas da capella erguida á devoção de algum santo.

Pag. 1

Familia

Quer dizer—filho. O João de Paula tinha quatro familias, isto é, quatro filhos.

Pag. 2

Sitieco

Sitio pequeno. Não é ao falar paulista uma pequena propriedade de terra—sitio de canna, sitio de café, que-rem dizer pequena fazenda de canna, pequena fazenda de

café. *Fazenda* é termo portuguez. Em hispanhel—hacienda.

Pag. 3

Garrucha

Pequena arma de fogo de dous canos. Os diccionarios não consagram.

Pag. 3

Rojões

Foguetes de vara com bombas na extremidade.

Pag. 5

Furrundum

Termo africano—capadura—doce de cidra.

Pag. 4

Caiêras

Fogueiras.

Pag. 4

Guarantan

Tambem *guarantan*. Madeira do Brasil. Corrupção do tupi—Ibera-tan—madeira dura, forte, propria para cercas.

Pag. 6

Caiereté

Termo tupi de Ieruhé katúreté—que significa: Ieroki—densa, katú—muito, reté—bôa.

Pag. 7

Lazão

Alazão, do arabe *alhazan* que quer dizer vigoroso, sôr do fogo das cavallos. Os caipiras dizem: *Lazão Antonio, antes morto que cansado*, e esta phrase é encontrada no diccionario de Francisco Solano Constancio.

Pag. 8

Moça

Mulher da vida airada. No Ceará é empregado na mesma accepção.

O ADOMADÔ

Pag. 12

Redomona

Feminino de redomão. Animal que já foi montado mas que não está amansado.

Cogotudo

Os nossos caipiras usam muito do suffixo *udo* para designar abundancia, quantidade, grandeza. Assim vemos frequentemente empregarem—*cogotudo*—aquelle que tem cogote grande, *pequeno*—o que tem papo grande, *topetudo*—o que tem topete grande. Fig. valente, corajoso, etc.

Boca doce

Animal de boca doce é animal que com facilidade obedece ao menor movimento da rédea.

Pag. 12

Talento

Força muscular.

Rulantim

Rulantim ou volantim ou volatim, vid. Dic.

Muchirão

Tambem *mutirão*. O leitor encontrará a explicação desta palavra no conto que com este titulo publicamos.

Gorpe de requenião

Golpe é pequena quantidade. Golpe de agua ou como elles dizem: *gorpe d'agua*, o um pouco de agua. *Requenião* é

café com pinga. A primeira vez chamam *quendão* e depois que vae segunda vez ao fogo—*requendão*.

Pag. 13

Galopeá

Galopear. O caipira paulista não pronuncia o *r* dos finaes dos verbos, nem tão pouco o *o* da terceira pessoa singular—falé, cantó, sá, em vez de falou, cantou, sou.

Libano

Côr de garrafa verde escura, applicado exclusivamente para cavallos.

UMA ENCALISTRAÇÃO

Pag. 21

Troly

Carruagem toses de 4 rodas, usada no interior de São Paulo.

Pag. 22

Chão

Homem chão—bonhoso, despretencioso, ihano, franco.

Perrada

Do hispanhol *perro*—cachorro. O mesmo que—cachorrada.

Vicás e catingueiros

Qualidades de veados, como *galheiro*, *mutheiro*, etc.

Tudinha

Dim. de Gertrudes. Tambem *Tuda* e *Tuca* o são.

Pag. 24

Alpendre

Em S. Paulo e considerado como a sala de espera de uma fazenda.

Pag. 24

Canapé

Do grego—*kanapeta*. Assento comprido para fins ou mais pessoas. Em geral é de couro crú ou de madeira.

Pag. 25

Cuia

Vasilha feita de coietê.

Diênho

Dienho. Corrupção do diabo.

O MUCHIRÃO

Pag. 21

Muchirão

Candido de Figueiredo grapha—*mucirão*, e define acertadamente: auxilio a que se prestam reciprocamente, durante um dia, os pequenos agricultores, no tempo das plantações e colheitas. (De tupi).

Tambem os caipiras dizem—Puchirão e Matirão.

Dourado

Peixe de agua doce. Assim chamado por ter a cor de ouro.

Pag. 22

Paiê

Paiol. Tulha de milho. Supponho ser corrupção de palhol.

Fandango

Dança de origem hispanhola.

Pag. 23

Tico-tico, annum, araguaris, tucumes. Passaros do Brasil.

Pag. 34

Serelépe

O mesmo que caxinguelê. (Candido de Figueiredo).

Bandeiras

Montes de espigas do milho, onde se collaca uma haste simulando uma bandeira, a fim de espantar os passaros.

Pag. 35

Porcos e quatis

Os caipiras dizem sómente—porcos—querendo se referir a porcos montados, quexadas etc. *Quatí*. Do tupi. —Mammifero carnivoro.

Rachapé

Dança brasileira. O mesmo que sapateado, cateretê fandango.

Pag. 37

Pinho

O mesmo que viola.

Pag. 40

Campinêra

Campineira. Os caipiras baptisam as suas armas conforme a sua procedencia.

Assim dizem campineira—faca feita em Campinas. *Laporte*—nome comprado na casa Laporte ou que tem a marca dessa casa.

O CARREIRO

Pag. 45

Cabreúva

Arvore leguminosa do Brasil.

Chapadão

Planura. Chapada grande.

A proposito dessa palavra ha um episodio que, por se ter dado entre caipiras, vem a pelo referir.

Um velho caipira machucara-se gravemente e metido em um banguê (vide Candido de Figueiredo) se cumulou da villa, levado pelo filho. E o homem, curtido de dôres, gritava:

— Ai que morro! Ai que morro!

Ao que o filho retorquiu-lhe:

— Não é morro, nhô pae. Nois tema num chapadão.

Meza

Parte do carro de boi que comporta a mercadoria.

Guiada

Vara com que o carreiro estimula os bois. Aguilhada.

Junta do couce, e de guia

A junta de bois que vae ao lado do cabeçario, é a de couce, junta de guia a que vae na frente. Si o carro vae puxado por mais de duas juntas, as outras são chamadas — de meio.

Pag. 40

Chumaceira

Tambem chumaça. (Vide Candido de Figueiredo.)

Capoeirão

Do capoeira. Do tupi-capoeira. Matta onde já houve plantação, e onde a matta está mais crescido que na capoeira.

Baldear

Muito usado como synonimo de transportar.

Chifradêra

Chifradeira. Tira ou tenta de couro com que se liga pelos chifres a junta de guia.

Arrôxo

Arrôxo. Corda de couro que se passa pelos fucinos para apertar a carga.

Para os tropeiros não é como define Candido de Figueiredo: pau curto para apertar as cordas com que se ata um volume, cargas, etc. — A isto chama-se cambito.

Fuêro

Fueiro. (Vide Candido de Figueiredo).

Pag. 47

Cocão

Vide Candido de Figueiredo.

Broxa

Corda de couro com que se prende o pescoço do boi, lado de um canzil a outro.

Canzil

Pequenos paus com farpas (piquen) que atravessam a canga e caem de ambos os lados do pescoço do boi.

Pag. 48

Tresantonte

Trás-ante-hontem. Tres dias antes de hoje.

Banda

Lado. Direcção.

Pag. 49

Chegado

Querido, amigo, parente.

A CRUZ DA ENCRUZILHADA

Pag. 51

Rodage

Rodagem. Estrada de rodagem. E' a estrada que conduz de uma fazenda a uma povoação. Estrada real é a que conduz de uma cidade a outra.

Carreador é a estrada feita nas fazendas por onde passam carros do boi.

Pag. 54

Jequitibá, peroba

Madeiras do Brasil.

Airo

Outro.

Pag. 55

Dianho

Diabo.

Pombeá

Tomicor. Espreitar. Deste verbo, que é muito usado pelos caipiras paulistas, formaram o substantivo—pombeiro.

Tem origem segundo penso, na medo pelo qual se cagem as pombas do mato, que sendo muito ariscas, exigem de caçador, muita astucia para não ser presentido.

Pag. 56

Andava cá fia mais moça

Nesta phrase o verbo andar é empregado no sentido de estar amasiado.

Piporava

De piporar. Fazer cuido comelhante á pipoca quando rebenta.

Coróte

Pequeno barril.

Pag. 57

Taquarussú

Da tupi—Taquára grande.

Loujure

Distancia. De longe.

RETRATO FEIO

Pag. 61

Bairro

A explicação vem ao proprio conto.

Pag. 62

Azulou

De azulas. Fugir.

PACHORRA DE FRADE

Pag. 70

Mascavo

Qualidade de assucar não refinado, mais ordinario que o redondo e que o cho.

CAÇADA

Pag. 75

Invernada

Posto para engorda de animaes no inverno.

Café comprido

Café aguado, o contrario de café forte.

Trabalhava de faro e de vento...

Os perdigueiros podem caçar, quer seguindo pelo faro o rasto da perdiz, quer quando bate um vento que traz a cutinga adentro da perdiz, e então o cachorro segue de cabeça levantada em direcção á ave, trabalhando de vento.

Pag. 76

Engeitado

De engeitar. Syntalme de regeitar.

Tréia

Corrente com que se prendo dous cães de caça. Fig. Dous cães.

Cachorreiro

Aquelle que lida com os cães em uma caçada.

Pag. 78

Monção

Monção Junior, o nosso grande pintor, quando expoz o seu maior quadro — *A partida da monção*, explicou esta palavra pela seguinte forma:

«Os antigos paulistas assim denominavam a caravana que partia de Porto-Feliz, descendo o Tieté para Cuyabá.

As do que se trata eram organizadas simplesmente

por costumidos e ousados sertanejos, que, inspirados pelo amor do desconhecido, desconhecia das minas e civilisação dos lugares, em nossos batelões cobertos de palha e simples canoas, partiam conscientes de que iam arrostar seus sacrificios inauditos toda a sorte de aventuras, constituindo-se por isso uma tradição gloriosa para os Paulistas.

O quadro que oferece á apreciação do publico representa a partida desses heróes, que, depois de missa na Egreja de N.ª S.ª Mãe dos Homens, acompanhados do Padre, Capitão-mór e povo, embarcavam-se na *Porto-geral*, recebendo na occasião a solemne bencam da partida.»

Hoje é applicado no sentido de viagem longa pelo rio.

Pag. 79

Assumptar

Falar, orientar-se, tomar instrucção, pensar.

Requentado

Café que já foi ao fogo.

Corredeira

Vide Candido de Figueiredo.

Pag. 80

Pintada

Ouça pintada.

Piracanjubas

Peixe de agua doce. Da tupi: *pira*—peixe, *acanga*—cabeça, *juba*—amarella.

Borrachudo

Mosquito que morde muito.

Pag. 81

Barraquear

Armar barracas.

Minhocaussás

Minhocas grandes. Do tupi. Segundo o Dr. Jorge Maya deve-se graphar—Minhocauçu.

Canoinha louca

Canoa para uma pessoa, difícil de ser governada.

Correr auta

Correr é synonimo de caçar.

Pag. 82

Ricicos

Macaduces de belvedere.

Encumbitos

De encumbitar. Tomar a direcção, dirigir-se pelas pernas, correndo. De tambito, que tanto pode ser pernil de porco, como de rotulo.

Pag. 80

Fechado

Muito cerrado, denso.

Pica-páu

Espingarda *taquari* de um cano. *Taquari* têm de taquaral. Vaquarinho.

Salta-martinho

Fructo pequeno e redondo que tem propriedade elastica.

O ENGANO DO CORONEL

Pag. 80

Cata-cego

Pessoa que enxerga pouco.

Pag. 82

Pito

Pito aqui é synonymo de descompostura.

GREGORIO RISPO

Pag. 100

Tacurú

Do tupi—tacuruba—da-pedra, *curuba*—quebrada, fracturada. Trompa formada por pedras redondas onde se colhem o cabeirão ou chocolateira.

Tripeça

Pequeno homem no pau, com necessario cavallo em regalo, muito commum em S. Paulo mas que não tem pés.

Pag. 101

Tieu

Abr. de Tonico—Antonio.

Pag. 102

Caipora

Infeliz. Do tupi. *Kai*—matto, *pora*—recente; existente.

Véra

Beira, margem.

Pag. 103

Averano

Abrasando. Nas proximidades.

Pangaré

Côr de cavallo—dourado claro. Candido de Figueiredo dá como synonimo de cavallo rebos, ordinario. Creio que tabera no erro o notavel philologo.

Tapa

Pequeno poncho de seda ou vicunha ou de outra fazenda.

Pag. 104

Cravinóte

Pequena clavina. Clavina é escrupleta de carabina.

Pag. 105

Botó os arcos

Botar o arco. Fugir.

Parpitarem

Palpitarem. Ter cuidado.

LETRA SUPERFLUA

Pag. 115

Dourodilho

Côr de cavallo.

OS QUELIOS SUISSOS

Pag. 114

Unhas de fome

Pessoa miseravel, avaro.

UM ASSUSTADO

Pag. 133

Diga a ella

Diga-lhe. Muito commum esta maneira de falar no interior de S. Paulo.

Pag. 135

Quê dê?

Que é de? Onde está? Para onde foi?
Esta forma é sempre usada interrogativamente.

ZE' CANELLA

Pag. 139

Tiguêra

Do tupi. Está consagrada no diccionario de Candido Figueiredo—roça depois de effectuada a colheita.

Gateadinho

Dim. de *gateado*—cavallo baio.

Pag. 141

Maroeas

Appellido de Maria.

Pag. 142

Caipira

Do tupi *Kaipira*: *Kaa*—mato, *quire*—aquelle que habita ou mora.

Varanda

Sala de jantar.

Pag. 142

Juguapêra

Do topi: *Juguapêra*, *Juguar* — cachorro, *pêra* — chata. Os caipiros designam tambem um cachorro pequeno com o final em *pêra* ou um *pêrinha*, que indica ainda menor.

Mecê

Abr. de Vossa Mecê. Conforme o grão de intimidade tambem usam: *Tamanci* — *Toci* — *Itamicê* e *Nuncê*.

Tanque

Reservatorio de agua, represado por um açude, para recorrer terra ao monjolo ou ao metabo de raba; para serventia do gado e lavagem de roupas. Os moradores das fazendas não se utilizam desta agua para beber.

Pag. 147

Itapeva

Do capi: *Itapeva*, *Itá* — pedra, *pêra* — chata.

Pag. 148

Pingados

Termo desprezivel — Homens fracos.

O ADOMADÔ

Ainda sobre este como ha as seguintes notas:

Pag. 14

Assisti

Assistir é mesmo, hospedar-se; tambem é acompanhar um parto.

Cigano

Esporte, fino, vivo para rapazes com tendencia para velhacarias.

Ruana

Feminino de ruano, cor avermelhada do cavallo.

Sandouro

Pequeno colchão de capim que se coloca sobre o lombo do animal afim de impedir que o suor suba ao bacheiro.

Bacheiro

Forro grosseiro de lan collocado sobre o cendeiro e por baixo da carona.

Carona

Forro quasi sempre de seda cortida.

Sirigote

Especie de lombilho com differença nas extremidades. Mais raso e menos proprio para o serviço de domar.

Pellego

Pelle de carneiro com a lan, que se colloca sobre o lombilho para amaciar o assento.

Badana

Do arabe *bâana*. Pelle cortida que se colloca sobre o pellego ou coxinilho.

Pag. 15

Chucro

Animal que nunca foi montado.

Santo Antonio

Cabeça de lombilho ou de selim.

Chilena

Esporo de ferro com rosetas grandes.

Chita

Animal pintado. Termo vaccum.

Ponta

Chifre pequeno.

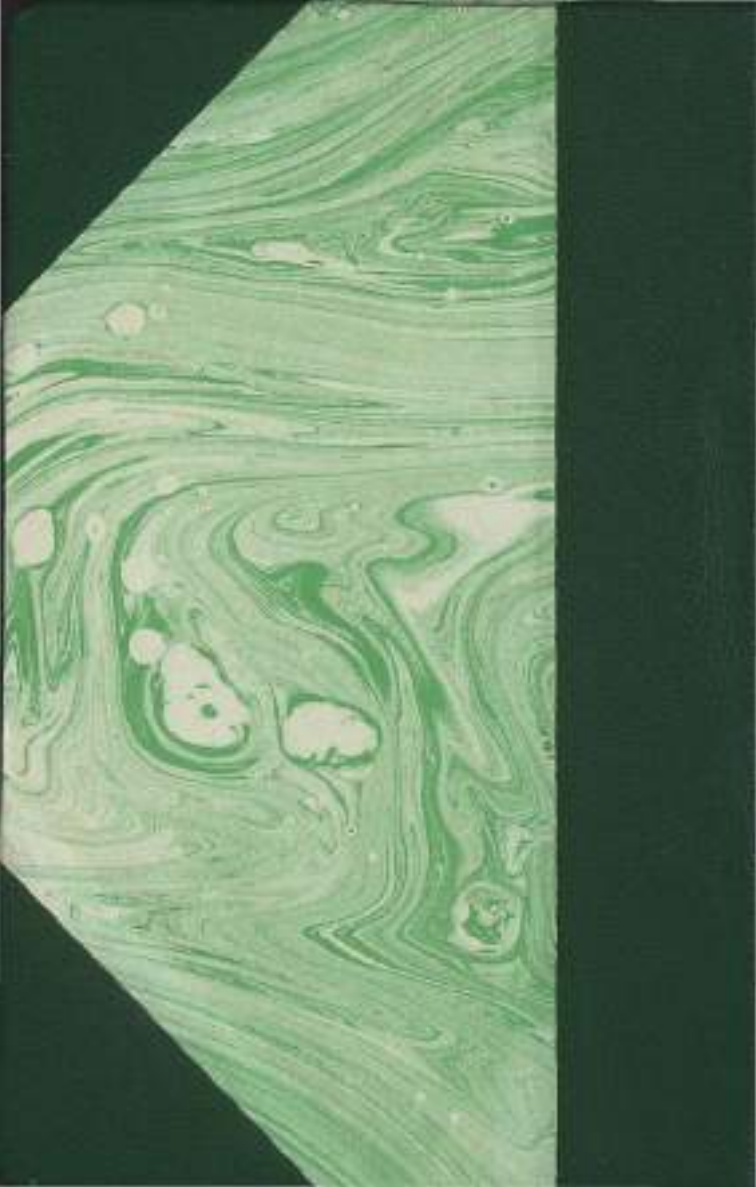
Sufragante

Em flagrante, na occasião, immediatamente.

...fico fria

O calçira paulista usa sempre de termo *frio* na forma feminina.

FIM.

INDICE

	Pagina
Carta de Gomes Cardim	IX
Festa de S. João	1
O adomadô	9
Uma encalistração	19
O machirão	29
O carreiro	43
A cruz da encruzilhada	51
Retrato feio	59
Pachorra de frade	65
Caçada	73
O engano do coronel	87
Gregorio Bispo	97
Letra superdua	107
Os queijos suissos	117
Um assustado	129
O Zé Cancella	137
Notas	151